

Contos dos Cerrados

Organizadores:

**Ananda Lima
Valney Dias Rigonato**



Contos dos Cerrados

Organizadores

Ananda Lima

Valney Dias Rigonato



COPYRIGHT © Academia Barreirense de Letras

Todos os direitos reservados.

As partes desse livro não podem ser reproduzidas por quaisquer meios sem a autorização prévia da Academia Barreirense de Letras. (Lei nº 9.610/1998)

Organizadores: Ananda Lima e Valney Dias Rigonato

Revisão de Texto: Antônia Maria Prado de Araújo, Antônio de Pádua de Souza e Silva, Josenilce Rodrigues de Oliveira Barreto e Terezinha Oliveira Santos.

Capa e Diagramação: Théó Santos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C763 Contos dos Cerrados / Organizadores: Ananda Lima, Valney Dias Rigonato. – Barreiras/BA: ABL Editora, 2023.

113 p.

ISBN 978-65-00-69410-9

1. Contos brasileiros 2. Literatura. 3. Oeste da Bahia.
4. Cerrado. I. Lima, Ananda. II. Rigonato, Valney Dias.
III. Academia Barreirense de Letras - ABL.

CDD B869.3

Bibliotecária: Ana Cristina Santos de Jesus. CRB5/1000.

ABL
SELO
EDITORIAL



1º EDIÇÃO BRASILEIRA: 2023

R. Ruy Barbosa, 67
Centro, Barreiras-Ba
CEP: 47806-136, Brasil



Visite o nosso site: <https://www.academiabarreirensedelettras.com/>

Dedicamos este livro a todas as pessoas que lutam contra o racismo religioso e ambiental, o desmatamento, a caça/pesca predatória, a grilagem de terras, a grilagem verde e a destruição dos rios. Esta é uma obra literária em gratidão principalmente às pessoas que compõem as comunidades tradicionais e nossos povos originários: os indígenas, quilombolas, geraizeiras (os), pescadores (as) e de maneira muito especial ao escritor, membro fundador da ABL, Durval Nunes.

Apresentação

Este livro representa o início da superação de uma tradição literária que só se preocupa com o singular, o idílico e o belo, em prejuízo à diversidade biológica e sociocultural. Pouco se preocupando com as desordens ambientais provocadas pelo mau uso e má ocupação das paisagens dos Cerrados.

Os escritores e escritoras buscaram, aqui, superar visões singulares em prol das pluralidades. Os contos inseridos nesta antologia estão recheados de valores, costumes, tradições, manifestações religiosas e também das metamorfoses econômicas, políticas e culturais que ocorrem nesse bioma.

O plural é natural e humano nas paisagens dos Cerrados. O humano retoma os primórdios da ocupação autóctone com povos indígenas. Já o singular é representado pela ciência, literatura míope que eliminou essa diversidade e, mormente, os mitos tradicionais, a favor dos mitos da modernidade.

Sendo assim, o livro “Contos dos Cerrados” apresenta, a partir dos vários olhares, das várias vivências, das várias experiências, existências e, por que não, resistências hermenêuticas, a diversidade de possibilidades interpretativas do vivido, do percebido e aponta para a construção de consciências ambientais plurais.

Nós, leitores e leitoras, somos convidados a navegar na terceira margem dos rios e das paisagens dos Cerrados, conforme nos ensinou Guimarães Rosa. Poderemos, assim, olhar para as duas primeiras margens e, concomitantemente, tentar remar em direção a outras experiências de vida.

O livro foi escrito para o público infantojuvenil. Podendo, todavia, ser lido e compreendido por diferentes públicos. Para isso, os leitores e leitoras são convidados a se aventurar no mundo potente das palavras que nos instiga a desbravar novos caminhos, e nos inspira e ilumina, esse mundo potente das palavras, a abrir novos itinerários para o Ser rico em saberes e dono de muitas linguagens, mas consciente de si e do meio ambiente em que se encontra, a partir das preciosas sensibilidades e das experiências diversas dos trinta um autores e autoras que compõem esta obra.

Espera-se, assim, que leitores e leitoras percebam que o propósito é contribuir para ampliar a consciência ambiental em relação à diversidade da sociobiodiversidade, principalmente, da forte destruição do “domínio da natureza”: o Cerrado.

O livro, por fim, é um aceno, de forma deleitosa, voltado para a consciência de cultivar os Cerrados e não os Serrotes. Os textos, aqui publicados, chamam cada leitor, cada leitora a imergir, não apenas nas belezas de suas paisagens, mas também nos seus saberes, sabores e sons. Nesse sentido, esperamos que o livro, além de oportunizar uma leitura prazerosa, provoque um novo olhar sobre a diversidade dos cerrados, desperte consciências e potencialize preservadores/conservadores socioambientais.

Organizadores
Valney Dias Rigonato
Ananda Lima

Sumário

A gameleira de Iroco.....	10
A magia do cerrado	14
A malinha de perguntas e descobertas	17
A menina e a bailarina do cerrado	20
A porta de cedro.....	23
A professora Matilde e sua maleta.....	26
A queda do machado	29
A rainha do cerrado	32
A vingança da pintada	34
As joaninhas Tita, Jojô e os sabores.....	37
As memórias de Alira	39
<i>Calliandra dysantha</i>	44
Lá no cerrado.....	47
Mais uma história de pescador	50
Maria e a arara-azul	53

Meu nome é Silva, Lobo Silva	56
Mistérios do cerrado	59
O dia que o café falou!.....	62
O enterro do “imbigo”	64
O grande Ipê Mágico	67
O ipê cor de ouro.....	70
O ipê dourado	72
O João de Barro ciumento	75
O lobo-guará e o fazendeiro.....	78
O olho que chora e fala.....	80
O pequeno Ossain, um erveiro aprendiz	84
O segredo que transformou o cerrado	87
Quebranto? Reza cura.....	90
Revolução dos gafanhotos do Vale do Guará!	93
Trilha no cerrado.....	97
Vem, Maria!.....	100

A gameleira de Iroco

Théo Santos

Chico vivia de modo simples em um casebre de três cômodos, no mesmo bairro onde nascera há pouco mais de trinta anos. Perdera os pais cedo e, ainda na adolescência, tomou as rédeas do próprio sustento. Saía todas as noites para trabalhar como vigia em uma escola recém-inaugurada naquela pequena cidade. Por causa do ofício, foi se acostumando a trocar o dia pela noite. Ele adorava ver a luz do crepúsculo, assim como a da aurora, que inaugurava ou encerrava a sua jornada de trabalho. Ficava ansioso pelas noites de terça-feira, quando ouvia de longe os toques dos atabaques em um barracão que ficava no final da cidade. Aliás, sair da cidade também era um sonho que alimentava desde pequeno e já vinha dobrando alguns turnos no trabalho para conseguir juntar um dinheiro bom e comprar uma terrinha.

Certo dia, ouviu falar de uma terra de fundo de pasto¹ que não interessava a ninguém. Vereda cheia de acidentes e já pisoteada pelo gado, tal como muitas das terras de hoje do cerrado. O antigo dono estava entregando por uma bagatela. Venceu o sono logo cedo e foi até o local, que aos seus olhos, já era perfeito. Dias depois já era o dono com papel e tudo.

¹ Fundo de pasto. Terra de uso compartilhado, onde os animais se alimentam da vegetação local.

Quando era dia de folga ou de férias, aproveitava para visitar a Terreiro de Dona Mozinha, onde tinha se tornado Ogã² e podia entoar os cantos para os orixás³ nos rituais do candomblé⁴.

– Minha mãe! – se dirigia Chico carinhosamente à sua mãe de santo⁵. Como andam as coisas aqui na roça?

– Estão como sempre meu filho. Tem as coisas boas e as não tão boas. Abriram um templo protestante perto daqui e tem um pessoal que deu para fazer uma barulheira aqui na frente, bem nos dias de festa. Ficam dizendo que é para afastar coisa ruim, mas sentem mesmo é raiva da gente.

– E a senhora não me disse nada? – redarguiu Chico em aflição.

– Você é moço bom, Chico! Tudo que lhe pedem, você atende. Não queria lhe ocupar com mais problemas. Logo esse povo cansa e a gente segue como sempre seguiu – Afirmou complacente e serena Dona Mozinha.

Chico não se afligiu com aquelas contendas, pois Dona Mozinha disse que não eram novidades. E, abrindo um sorriso largo, contou a novidade para sua mãe de afeto.

– Sabe aquelas terras que tem umas nascentes de rio? – perguntou à sua velha amiga. Acabei de comprar e quero abrir uma roça grande que caiba todo mundo do Terreiro⁶.

Os olhos de Dona Mozinha se encheram de lágrimas e já conseguia ver as festas e o contentamento naquele pedaço de chão.

Os dias seguiram cheios de esperança e o barulho em frente ao barracão de Dona Mozinha nem incomodava mais. Até que em uma

² Ogã. Nome atribuído a pessoa iniciada no candomblé responsável por conduzir as músicas percussivas nos rituais do candomblé.

³ Orixás. Deuses cultuados em alguns seguimentos do candomblé.

⁴ Candomblé. Manifestação religiosa de origem africana, na qual são cultuados ancestrais divinizados com várias denominações, dentre elas, orixás.

⁵ Mãe de santo. Sacerdotisa do terreiro de candomblé.

⁶ Terreiro. Local onde são cultuados os orixás. Também chamado de roça.

das noites de folga do trabalho, Chico avistou de longe o barracão⁷ em chamas. Dona Mozinha, estava desolada, assim como os filhos e filhas do Terreiro. No início da rua, três jovens sorriam satisfeitos e o fogo brilhava em seus olhos, tal como o ódio que fervia o sangue em suas veias. Chico passara por eles vestido de branco, pois era dia de festa. Foi quando um deles gritou:

— Lá vai um deles! Vamos pegar ele! – Gritou um dos incendiários partindo em direção a Chico.

Vendo aquele movimento, Chico entendera que se tratava dos criminosos que haviam posto fogo no barracão. Em desvantagem, começou a correr em direção às suas terras, pois a esse tempo já conhecia o lugar como ninguém. A perseguição seguia implacável, quando começou um aguaceiro. Chico seguia em direção a uma gameleira⁸ que se encontrava bem no centro da propriedade. Era ali que ele pretendia construir o novo barracão, bem em frente a gameleira. Foi quando os jovens alcançaram Chico. Em meio aquela agonia, caiu um raio que fez um clarão intenso defronte a gameleira e atingiu em cheio ao corpo de Chico. Tão grande foi a intensidade de energia que fluíra por seu corpo para a terra molhada, que Chico desapareceu no ar. Os perseguidores também receberam uma descarga elétrica e caíram desmaiados.

De longe, ouviu-se no Barrocão um grande estrondo, que assustou a todos, tirando do transe que os consumia pela imagem do Barrocão destruído pelas chamas.

— Rum⁹! – o som ficou na memória de todos.

⁷ Barracão. Nome atribuído ao templo no terreiro de candomblé.

⁸ Gameleira. Árvore típica do cerrado pertencente ao gênero *Ficus*. No candomblé, a árvore representa o orixá Iroco.

⁹Rum. Também é o nome dado ao atabaque utilizado nos rituais de candomblé. Os três atabaques utilizados são Rum, Rumpi e o Lê. Destes, o Rum só pode ser tocado por um Ogã e tem a finalidade de induzir o transe, ou seja, a comunicação com os orixás durante os rituais.

No dia seguinte começaram as buscas por Chico. Algumas pessoas relataram que o haviam visto correndo de três jovens em direção às suas terras. A polícia foi acionada e lá chegando encontrou os incendiários desacordados com tochas apagadas nas mãos e um vasilhame com querosene. Em frente à gameleira havia apenas alguns retalhos de pano branco e nenhum sinal de Chico.

O tempo passou e as buscas por Chico se encerraram por parte da polícia, que finalizou a investigação prendendo os bandidos pelos crimes de racismo religioso e demais agravantes. As terras foram reconhecidas como de propriedade dos filhos do Terreiro de Dona Mozinha.

Em frente a gameleira foi construído um barracão e, nas noites de terça-feira, o som dos batuques nos atabaques ecoa por toda cidade. Dizem que muitos vêm de toda a parte à gameleira pedir benções de toda sorte.

Dona Mozinha sempre faz questão de amarrar um pano branco na gameleira para lembrar do filho que lhe dera a roça e que havia realizado seu sonho. Ela diz que sempre vê perto da gameleira a alma de Chico dançando ao som dos atabaques.

Por medo ou por respeito, não ouviram mais por aquela cidade nenhuma onda de ódio ameaçar aquela roça. E quando a festa é de Iroco¹⁰, o orixá árvore, sempre cai chuva boa, especialmente nas terras da gameleira.

¹⁰ Iroco. Orixá que habita a árvore. No candomblé, a árvore que representa Iroco é a gameleira.

A magia do cerrado

Tânia Valéria

Era um dia lindo de outono, quando Benjamim, um beija-flor bem vívido, alegre e esperto, acabava de despertar bem cedinho, com o sol ainda raiando. Admirando o belo dia que nascia, foi logo tomar seu café da manhã, pousando de flor em flor, se alimentando do doce néctar das rosas.

Benjamim era um pássaro viajante e estava de passagem pela Mata Atlântica. Como ele amava o outono! Naquela estação, alimento para ele e para os outros animais não faltava. Além do mais, era encantado pela beleza das flores.

Já havia conhecido os seis biomas brasileiros. Era um amante da natureza e gostava muito de conhecer a fauna e a flora dos ambientes e, também, é claro, fazer novas amizades.

Decidiu então, que seu próximo destino seria o Cerrado. Benjamim adorava aquele bioma. Sabia que lá existia a mais rica biodiversidade do mundo! Adorava repousar em seus arbustos e gramíneas.

“E aquelas árvores! Ah! Aquelas árvores exóticas, de troncos retorcidos, bem característicos de lá, me encantam!” – lembrou Benjamim todo entusiasmado.

“Sem falar do Ipê-amarelo, que deve estar parecendo um buquê gigante, de tão florido que está! Vou me deliciar à vontade em suas belas flores amarelas!”

Prosseguiu sua viagem pensando alto: “Que saudade da família de geraizeiros que sempre me recebe tão bem!”

Eles moram às margens do Rio São Francisco e sobrevivem com os recursos que a natureza lhes oferece.

Seu Renato recolhe mangaba, pequi e buriti que caem das árvores e Dona Cida faz deliciosos doces e geleias para vender.

Assim, em meio às recordações, seguiu viagem. E depois de três dias e três noites chegou, enfim, em seu tão esperado destino: o Cerrado Baiano.

Por um momento, o pequeno beija-flor parou e se perguntou: “Será que estou mesmo no Cerrado? Será que errei o caminho?” - pensou Benjamim assustado.

Deu mais uma volta e ficou espantado com o que estava vendo: as árvores todas cortadas e nenhum sinal dos animais. A casa da família de geraizeiros estava fechada, não havia ninguém nem nada naquele lugar.

Desolado com o que via, Benjamim pousou em um dos troncos de árvores no chão, abaixou a cabecinha e começou a chorar. Não acreditava no que estava vendo!

“E para onde deve ter ido aquela família e tantas outras que aqui viviam? Eram tão felizes aqui!”

“Sem buritis, pequis, não poderiam sobreviver, o que iriam comer? Até o Velho Chico secou, como vamos viver?”

Por um instante, Benjamim fechou seus olhos e falou baixinho: “Como eu queria meu belo Cerrado de volta!”

– Eu também!

– Quem está aí? - perguntou Benjamim, voando intrigado.

– Sou eu, a Mãe Natureza.

– Mãe Natureza? Então você existe de verdade?

– Sim, sou a alma de tudo isso aqui, eu controlo todo o funcionamento dos ambientes naturais.

— Mãe Natureza, o Cerrado não pode acabar, tem que haver uma solução!

— Sim Benjamim, ainda há uma saída.

Ouvindo isso, o pequeno beija-flor não se conteve de tanta felicidade e batendo suas asinhas cada vez mais forte, perguntou:

— O que devemos fazer então? Não vejo a hora de ter nosso Cerrado de volta!

— Eu tenho o poder de realizar uma magia natural e tudo poderá voltar a ser como era antes. Mas essa magia só pode ser feita por mim, apenas uma vez.

— Entendi, Mãe Natureza. Depois da magia natural, se o ser humano continuar desmatando, queimando e matando os animais, a natureza morrerá para sempre!

A Mãe Natureza pediu que Benjamim fechasse seus olhinhos. E depois de alguns instantes, como em um toque de mágica, ao abrir os olhos, Benjamim pôde contemplar novamente as belezas do Cerrado! Realmente, a magia acontecera.

A partir daquele dia, o pequeno beija-flor percebeu que tinha uma missão: conscientizar a todos sobre a preservação.

E o bom tempo que ali no Cerrado ficou, Benjamim muita coisa ensinou. E muitos puderam entender a grande lição: que a magia da natureza só continuará a existir, se houver preservação.

A malinha de perguntas e descobertas

Gelson Vieira

O seu nome de batismo era João Pedro. Mas, a partir dos sete anos de idade o pai e a mãe passaram a chamá-lo de Tapuio e por toda a comunidade de Capim de Raiz. Isso porque o mundo dos campos, veredas, lagoas e cachoeiras Geraizeiras passaram a ser o seu parque de diversão, o laboratório de perguntas e descobertas.

Tapuio possuía duas coleções bastantes curiosas e divertidas: uma coleção de dúvidas e outra de descobertas que eram guardadas numa malinha que só ele tinha acesso.

De vez em quando sua mãe se irritava quando via Tapuio calado, parado a olhar para a Serra da Bandeira. Ela dizia:

- O que está acontecendo menino?
- Mãe, estou a brincar com minhas coleções.

Assim, Tapuio descartava dúvidas que não mais precisava e aumentava sua coleção de certezas que continuava bem menor que a coleção de dúvidas.

Em uma dessas investigações diárias, durante as brincadeiras de perguntar, Tapuio se questionava: donde vinha a força de balançar as coisas, que as pessoas chamam de vento que açoitava o pé de cagaíta e, as frutas ainda verdes e outras maduras caíam e formavam um tapete colorido sobre a terra em cor cinza?

Tapuio sempre afirmava que só se descobre ou passa a ter conhecimentos a partir das dúvidas. Sem questionamentos o Gerais perderia seu encanto e a vida ficaria triste.

Uma brincadeira que Tapuio gostava era quando a noite chegava. Enquanto seus pais proseavam no terreiro, sentados em um banco da madeira do jatobá, Tapuio fazia cálculos de quantas estrelas ele via. Mesmo que na noite anterior já as houvessem contado, uma a uma, sempre haveria de descobrir aquela que fosse diferente, que brilhasse mais, ou aquelas que caíssem enfeitando o céu com suas caudas faiscantes. Isso o fazia pensar nas noites de quermesse, durante a festa de Santa Luzia, quando foguetes estouravam lá no alto criando um lindo clarão.

Durante o café da manhã chegou um recado para a família. Tratava-se de uma visita de Fernando, filho do irmão da mãe de Tapuio. Estava de férias escolares, chegaria na segunda- feira próxima, e passaria quinze dias em Capim de Raiz.

A chegada de Fernando foi o assunto diário de toda família. Pois, a presença de Fernando era companhia para Tapuio que era filho único. E, conforme o recado, ele chegou à tardezinha na companhia de uma chuva mansa que aos poucos ganhou força.

— E você Tapuio, também já está de férias?

Tapuio ficou calado, por um instante, mas logo respondeu dizendo que no dia seguinte, logo cedo, lhe mostraria a sua escola.

Naquela noite as crianças não viram a luminosidade do céu, pois o tempo não permitiu. Dormiram embalados pelo som do contato dos pingos da chuva sobre as telhas de barro e agasalhados em mantas de algodão confeccionadas por Zulmira, uma artesã do lugar. Aliás, muito do que era utilizado nas casas a exemplo de: panos das tarefas da cozinha, para cobrir as camas e mesas; a bandeira do divino; o estandarte do Grupo Reiseiro e os paramentos dos e das brincantes de

Santos Reis; até mesmo calças e vestidos eram feitos ali mesmo em Capim de Raiz, pelas mãos de Zulmira e de muitas mulheres.

O dia chegou pelos raios fortes do sol, as nuvens escuras e grossas foram embora. Tapuio espreguiçou, afastou a coberta do seu corpo e dirigiu-se para a cama onde Fernando dormia.

— Acorda que o cheiro de café entrou pelo quarto e já vejo mãe colocando as coisas para a gente comer!

Tapuio logo percebeu que Fernando já tinha concluído o seu café e logo o chamou para irem ao campo.

— É aqui Fernando, que estudo! Os meus colegas são as árvores e arbustos, as veredas, piabas e tudo que é bicho dos Gerais... com eles aprendo bastante.

Antes que Fernando pensasse em questionar, Tapuio o levou para outro lugar, a casa de Mãe Beré, uma parteira e benzedeira que morava logo no início da rua principal do povoado. No quintal e terreiro da casa eram cultivadas plantas que forneciam folhas e flores que embelezavam o ambiente e serviam para Mãe Beré fazer mezinhas que promoviam as curas das doenças do corpo e da alma.

— Nesta casa, à boca da noite, aprendo muitas coisas ao ouvir histórias contadas por Mãe Beré...

Os dois meninos se despediram estendendo as mãos para Mãe Beré que os abençoou. Tapuio e Fernando voltaram para casa a comentar o que viram e ouviram.

Os dias passaram velozes, feito araras em fins de tarde cruzando o céu geraizeiro em busca de seus ninhos. O pensamento de Tapuio teimava em fazer retornos. E, assim criou mais uma coleção que a nominou por relembração que alimentava sua vida e, que atualizava e ampliava os conhecimentos de quem o procurava saber sobre os Gerais que outros o chamam de Cerrado, a caixa d'água do Brasil.

A menina e a bailarina do cerrado

Brigida Freitas

Niara era uma garota que morava com sua avó, às margens do Riacho de Jardim. Amava a natureza! O colorido das flores sempre chamou sua atenção. Era fotógrafa, artista plástica e escultora nata de mão-cheia. Dizia sua avó que foram habilidades herdadas do avô. Seu maior sonho era colecionar as flores do cerrado através de suas telas. Entretanto, ela não tinha recursos financeiros suficientes para adquirir telas, tintas e pincéis.

Numa manhã de primavera, Niara sai para suas investidas fotográficas na companhia da passarada. De repente, avista um clarão em meio ao verde. Sem entender o que estava acontecendo aproximou-se e percebeu que houvera uma derrubada das árvores centenárias, entre elas a árvore amiga a quem ela contava seus maiores segredos. Profundamente triste com tudo o que seus olhos registravam, Niara chorava a perda da amiga.

— E agora o que fazer? Para quem contarei meus sonhos, minhas aventuras, alegrias e decepções?

O sol avançou e já passava do meio-dia e Niara, sem planos para voltar para casa. Sabia que sozinha não daria conta de resolver tamanha crueldade. A tristeza invade seu peito, lágrimas escorrem pelo rosto e desaguam no Riacho do Jardim. Todavia, nem tudo estava perdido. De repente, em meio às folhagens, pousa o Bem-te-vi, o Sabiá e o piloto Beija-flor, trazendo à (tiracolo) o Bolso Andarilho, que pergunta:

– Por que choras? Por que está tão triste?

Niara, ainda soluçando, responde:

– Ora, amigo! Eu não sei o que fazer para trazer de volta os nossos tesouros! As floradas que estavam desabrochando e enfeitavam meus sonhos.

Então, o Bolso Andarilho teve compaixão de Niara, e disse:

– Ora, garota! Você não está sozinha nesta batalha. Eu que sou um sujeito viajado por entre campos, rios, riachos, corredeiras, ventanias e galáxias podemos sim, fazer um grande mutirão. Vamos remover os troncos cortados e você irá transformá-los em obra de arte e com os galhos faremos novas mudas. As flores e folhas recolhemos para serem fotografadas e fazer suas tintas.

Niara, se levanta e diz:

– Mas as telas para pintar, onde conseguirei?

O Bolso, indaga:

– Sua avó não é costureira!? Ela pode preparar o tecido e reaproveitarei as lascas das árvores para fazer as molduras.

– Então, vamos logo cuidar da estreia de suas artes e convidar toda região para eleger a Bailarina do Cerrado. Disse o Bolso Andarilho.

Quinze dias se passaram e, lá estavam Niara, o Bem-te-vi, o piloto Beija-flor e o Bolso Andarilho numa alegria só, pois, chegara o grande dia para revelar os tesouros do Cerrado.

O sol, anunciava os primeiros raios. O piloto Beija-flor muito entusiasmado sobrevoava a região, convidando a população para a grande festa.

Os pássaros gorjeavam e o vento trazia boas notícias, pois, o Bolso Andarilho anunciava a presença das candidatas a Bailarina do Cerrado.

Na entrada principal do gremial mais famoso da comunidade, as esculturas encantavam a alma dos moradores e na ala das flores, aromas e cores enchiam os olhos da garotada.

Tudo pronto e o Bolso Andarilho e o Bem-te-vi logo assumiram os microfones fazendo uma cantoria para alegrar os corações.

Niara, sobe ao palco convidando aos participantes para eleger a tela que representasse a flor Bailarina do Cerrado.

— Tela 01-A Flor do Pequi — Tela 02-Flor do Ipê-do-cerrado — Tela 03-Flor da Cagaita — Tela 04-Flor de Flamboyant — Tela 05-Flor de Caliandra.

Enquanto a escolha não saía, o Bolso Andarilho e o Bem-te-vi, interpretavam a maior canção que fala do Cerrado a “Aquarela do Cerrado” de Pablo Ravi.

Terminada a cantoria, o grande Andarilho recebeu o resultado da escolha da Bailarina do Cerrado.

— Adivinha quem puder, quem é a Bailarina do Cerrado? É ela a grande, a delicada, a bela flor Caliandra.

Para você, qual é a mais bela e encantadora flor do Cerrado?

A porta de cedro

Marinéia Serpa

“Mãe, tira daqui agora!”

A voz ecoou na casa inteira e todos, chocados, correram, principalmente a mãe, a primeira a chegar para ver o que estava acontecendo no quarto do pequeno Gabriel. Agora, diante dele, puderam ouvir com a voz mais branda e calma “Tira daqui agora”. Juntos, como um coral afinado, perguntaram: – O quê?

A resposta saiu fria e pausada: – “A porta!”, exclamou o jovem com o corpo esticado na cama, controle da televisão e celular em punhos, olhos vidrados na tela gigantesca como as de cinema, de onde descia um emaranhado de fios produzindo imagens e sons fantásticos do programa assistido por ele e talvez fosse o motivo de tanto alvoroço causado na tarde daquele sábado inesquecível na vida da família Serpa:

De estupefatos e assustados passaram, repentinamente, à incredulidade e fizeram pouco caso com as últimas palavras proferidas:

- Ah! Fala sério! dizia um.
- Ufa! Que susto! falava outro.
- Tá de brincadeira! Retrucou o pai.

A mãe, mais diligente, queria saber a razão pela qual seu filho, o mais envolvido, estudioso e engajado dos três, tinha uma resposta pronta para tudo... Só não sabia como ele conseguia guardar tanta informação naquela cachola e, como um mágico, vasculhava entre os

pertences, examinava com cuidado e tirava de lá as sempre certas respostas. Não sabia ela, como chegavam e as organizavam em cada departamento e gavetinhas. Desconfiava apenas, pelo fato dele estar sempre ali, deitado, assistindo, ora a televisão, ora o celular, quase não conversava e quando acontecia, dividia a atenção com o companheiro inseparável, até na hora do mais precioso sono para acalmar os agitados neurônios que estiveram a todo vapor o dia inteiro. Sempre acaba do mesmo jeito: corpo desfalecido, rosto virado para um lado e, para o outro, o celular, sozinho, abandonado e falando às paredes. Seria a razão de tanto conhecimento? Certamente o pedido inicial não fora feito em vão por Gabriel.

Restava confirmar, exatamente, o que precisava ser retirado daquele quarto, pois ele, com carinho e criteriosamente, escolhera a dedo cada item exposto: a escrivaninha, a cama, as cortinas, o guarda-roupa, a coleção de carrinhos comprados a cada ida às lojas Americanas, na cidade mais charmosa e proeminente do oeste baiano, Barreiras, ou a lâmpada presenteada pela irmã no seu décimo segundo aniversário, que a cada comando muda de cor, reproduzindo um arco-íris, em fração de segundos.

Virou-se para a mãe e olhou bem fixo, muito sério e disse:

— “Quero que substitua a minha porta de madeira por uma de vidro. Não quero, a partir de agora, olhar para ela todos os dias e saber que, talvez, ela seja a madeira retirada dos poucos que ainda restavam no nosso cerrado, o velho e amigo “CEDRO”, árvore que levou anos para se firmar na vasta floresta. O homem, sem dó nem piedade, com requinte de crueldade e indiferença, com aquele motosserra de dentes afiados e barulho ensurdecido, derrubava, fazendo-o cair, roçando entre os companheiros centenários, dando-lhes o último beijo e adeus para sair de cena daquele palco verde, sendo, em seguida, atracado

pelas grossas correntes, arrastado, deixando algumas folhas, exalando um cheiro agradável pelo caminho, antes de chegar à carroceria do caminhão para seu último destino: ser dividido e transformado numa janela, num braço de guitarra, numa escultura sacra, numa mesinha de canto adornando a sala de estar ou nessa porta esculpida e envernizada que mantém minha privacidade. Definitivamente, não quero ser cúmplice desse crime”.

Quando todos olharam e perceberam projetada na tela da televisão a última frase do documentário, colocada propositalmente por ele, compreenderam que o último cedro do cerrado baiano estava desaparecendo: **Adeus, velho amigo CEDRO, adeus!**

A professora Matilde e sua maleta

Valdélia Bomfim Ramaccotte Miranda

A escola é por excelência lugar de encontros e desencontros, com o mundo, suas transformações e suas potencialidades humanas. Seja no momento de interagir, produzir conhecimentos e brincar, sorrir, chorar, socializar e humanizar muitas vidas.

O(a) professor(a) é um personagem que assume atitudes e valores de admiração e respeito para consigo mesmo, com seus alunos, com outras pessoas e com a própria sociedade.

A professora Matilde, que escolheu ser professora por opção e paixão, relata que passou momentos difíceis nos últimos dois anos, durante a pandemia da Covid-19, principalmente, no que diz respeito ao processo de ensino-aprendizagem. De repente, foi obrigada a ficar fora da sala de aula e distante de seus alunos. Era preciso manter o distanciamento social, usar máscara e lavar muitas vezes às mãos. Foram momentos de incertezas, solidão, medo, saudades e preocupação.

Muitas vezes ela se perguntava:

“Meu Deus”! E agora? Como fazer?

Continuar ensinando seus alunos era um desafio que parecia impossível! Nesse momento de incertezas e mudanças, a professora Matilde iniciava uma nova experiência na educação. Era preciso pensar, estudar, e buscar novas formas de ensinar... Precisou fazer cursos online, participar de lives e de muita capacitação. Mas

“arregaçou as mangas, sacudiu a poeira e deu a volta por cima!”. Reinventou, renovou, usou a internet, montou grupos de WhatsApp para compartilhar informações, passar os conteúdos didáticos e fazer videochamadas com seus alunos.

Nos momentos tristes de solidão e recordações, a professora Matilde, com lágrimas nos olhos, passava a imaginar sua turma e revirar sua maleta.

De olhos atentos, recordava cada momento com a sua turma.

Ana Flavia é uma aluna que gosta de agradar, leva flores lindas e perfumadas para me ofertar. João é estudioso e criativo, gosta de desenhar e ler livros de historinhas, Pedro e Maria são inquietos, mas muitos parceiros e amigos... Ritinha é cadeirante, senta-se na frente, é alegre e recebe ajuda dos colegas. Riquelme é um menino inteligente, curioso, estudioso e perguntador. Logo, gosta de perguntar:

— Professora Matilde, o que leva dentro de sua maleta?

E ela respondeu:

— Levo letras, meu querido, letras brancas, pretas, coloridas, grandes, pequenas, redondas, bem bonitinhas, como: suas cartinhas, bilhetes, cartões e livros de historinhas, com versos e poesias. Inclusive, o livro Rima Cor, Rima Flor, de minha autoria, escrito com muito amor e carinho! Também levo canetas coloridas grandes, pequenas, redondas, bem bonitinhas, brinquedos e um coração cheio de amor e carinho...

Uma vez, a professora Matilde levou sua turma para passear, ao ar livre, debaixo do ipê amarelo de sombra agradável, sugeriu à turma a brincadeira: “Boca de Forno e Jacarandá”.

As crianças atentas, esperavam o sinal para começar a brincadeira, saíram correndo em direção ao local indicado para que fizessem cumprir a ordem determinada pela professora. O vencedor seria aquele que chegasse primeiro com a cesta cheia de frutas.

A professora deu o comando:

— Boca de forno?

Todos respondem: – Forno, jacarandá?

— Dá!

Professora: O que eu mandar vocês fazerem vocês fazem? E se não fizerem?

Todos respondem: – Bolo.

Propôs que as crianças saíssem em direção às plantas e trouxessem as frutas do Cerrado: Coronha, Bacupari, Marmelada, Pitomba, Cagaita, Maria Soares, Grão de Galo, Quipá, Melancia da Praia, Buriti, Murici, Mutamba, Pequi, Xixá, Bruto, Puçá.

Assim, as crianças encheram as cestas, voltaram de mãos dadas, chegaram ao mesmo tempo no lugar indicado e combinado e puderam dividir as frutas que estavam na cesta.

A professora admirada perguntou:

— Se apenas uma criança era vencedora, por que deram as mãos e chegaram juntas?

Uma delas respondeu:

— Não é possível haver felicidade se um de nós estiver triste!

A professora Matilde ficou comovida e muito feliz, percebeu que as crianças levaram consigo os valores que ela havia ensinado. Aprenderam a lição de cooperação, solidariedade, companheirismo e união.

A queda do machado

Antônia Prado

D. Nanoca foi uma exímia leitora em sua juventude, embora tivesse um sério problema nas vistas. Na velhice, foi acometida pela cegueira, e então ela tornou-se a maior contadora de história da região da Ribeira na Bahia, porque muito ela sabia e também porque queria que crianças, jovens e adultos enxergassem o mundo através da literatura dos livros e do mundo à sua volta.

Ela primava pelas histórias do Cerrado, porque ali ela nasceu, viveu, viu, riu, chorou, se alimentou e, principalmente, porque não queria que o cerrado morresse.

A sábia senhora sentava-se no centro da sala da casa de chão batido, no povoado denominado Timbó, ajeitava a saia rodada de modo a sentir-se composta e os espectadores acomodavam-se ao seu redor. Silêncio total... Então ela começava: Era uma vez...

Um dia ela contou a saga de D. Brasilina e "Siá" Zabé e seu marido, Mané Caiau, que aconteceu mais ou menos assim:

As duas mulheres sobreviviam da venda dos frutos do cerrado: pequi, caju, puçá, araticum ou cascudo, araçá, cagaita e outros que o cerrado dá.

Havia uma certa disputa entre as duas cerratenses. D. Brasilina tinha clientes fiéis. "Seus" frutos eram maiores, mais bonitos e, portanto, vendia mais.

Quando lhe perguntavam o porquê, ela respondia: "- Deus ajuda quem cedo madruga" ou "- quem vai na frente bebe água limpa" e ria com seus dentes alvos, realçados pela pele preta.

Contudo, "siá" Zabé não concordava e dizia: "- Brasilina tem um pacto com os 'isprito do mato' e eu ainda vou descobrir... Vou botar espia.

O marido de Siá Zabé era lenhador. Ele fornecia lenha para as pessoas que cozinham em fogão à lenha e, principalmente, para as biscoiteiras que usavam o forno de barro para assar petá, brevidade, ginete, avoador bolo de puba e outras delícias que eram comercializadas nas redondezas (Buritizinho, Cantinho, Cipó, Caroa etc.

Aí D. Nanoca faz um suspense... E agora será o que aconteceu? Ao que ela mesma responde.

Bem, Zabé acordou de madrugada e foi para o mato espiar Brasilina, ficou escondida atrás de um pé de bacupari e esperou, esperou e nada da outra aparecer.

Aconteceu que Brasilina ao se embrenhar no mato, viu Mané Caiá tentando cortar um pé de jatobá para fazer lenha. Uma machadada... pá, outra... páaa.

— Ahhh! A mulher soltou um grito que estremeceu a mata... Páaaraaaaa! Ele ficou com o machado no ar, com os olhos arregalados, sem saber o que dizer.

Zabé, ao ouvir o grito correu, correu e chegou "botando a alma pela boca". Perguntou com a voz trêmula:

— O que foi, gente?

Mané gaguejou e falou quase chorando:

— Eu, eu ia cortando um pé de, de jatobá...

— Pois num foi!? acrescentou, Brasilina.

— Cê tá doido, home do céu?

— Foi pruquê os sipó imbaraiô minhas vista... foi isso.

No mesmo instante o homem jogou o machado no chão, olhou para o céu com os olhos cheios d'água, ajoelhou-se e pediu perdão ao cerrado e ao universo.

As duas mulheres emocionadas colocaram os balaies cheios de frutos no chão e se abraçaram.

De repente, tudo virou festa no mato... Os passarinhos voavam, cantavam em sintonia perfeita; bichos de toda espécie apareceram - veados, capivaras, raposas, macacos-prego, tatus e até cobras rastejavam tranquilamente; borboletas sobrevoavam as flores campestres que exalavam seus perfumes e ostentavam suas belezas. E foi nesse clima de paz e beleza que eles se entenderam e compreenderam que o cerrado não pertence a uma, duas ou três pessoas, e sim, um patrimônio de todos.

— E aí, gostaram? Perguntou D. Nanoca. — Foram eles que me pediram para contar essa história a todas as pessoas que encontrasse e que pedisse a elas para observar, amar e preservar o Cerrado — a Savana brasileira.

A rainha do cerrado

F. Serpa

NÃO MATARÁS! PROCLAMA O MANDAMENTO.

A deus minha árvore! Quando a vejo assim, tombada e sem vida com marcas de agressão violenta em todo seu corpo, perpassa em mim como um filme, aquele tempo feliz em que um adolescente montado em seu cavalo vindo da fazenda do seu pai, encravada no fundo dos gerais, procurava uma sombra amiga para se abrigar do sol inclemente e matar a sede num riacho que corria perto e a admirava majestosa, potente e formosa com galhos e troncos rígidos e fortes. Ali, solitário no meio do cerrado, armava sua rede nos seus galhos e, às vezes, até uma soneca ligeira tirava, despertado, quase sempre, por um bando de macacos-prego, velhacos e barulhentos que sempre se aproximavam para recolher migalhas daquela galinha caipira preparada pelos quilombolas, com sabor inigualável das frutas e temperos do cerrado e embrulhada nas folhas de bananeira, o que lhe dava um gosto único, admirável e delicioso.

Não raro aparecia um veado galheiro, uma jaguatirica, um lobo guará, um tatu canastra e até uma seriema de canto tão mavioso e sentido que se confundia com a beleza de sua plumagem. Um tico-tico canoro aproveitava as águas deixadas pela chuva para saracotear e lavar as suas penas exaltando, também, o seu belo e maravilhoso gorjeio.

Hoje você está inerte. Fora alcançada pelo machado afiado de um explorador irresponsável, inconsequente e desavisado que, em nenhum momento, pensou na sua beleza ou usufruiu da generosidade

de sua sombra. Talvez, a lâmina de aço de um motosserra sem sentimentos de dor, de alegria ou de respeito, obedecendo, tão somente, a um comando sinistro do seu dono, executou com frieza desmedida e impensada a ordem de dilacerar seu tronco, talvez para uma janela, o pé direito de uma residência ou qualquer outro emprego, pois o seu destino, qualquer que fosse, lhe era indiferente.

Para mim, que tenho gratidão e saudade do seu acolhimento, que se deliciou com a sua sombra generosa, que sugou o néctar de suas flores trazidas por alguma abelha diligente, não há explicação plausível para o desumano desmatamento do cerrado e de outros biomas como o pantanal, a caatinga e a mata atlântica, além da desenfreada contaminação do lençol freático, deixando um rastro de destruição irreversível que teima em não abandonar a memória e o sentimento de um menino que brincou e usufruiu da generosidade e da sombra de sua copa frondosa.

A vida é uma intencionalidade porque lutamos, não interessa tratar-se de um humano ou de uma árvore perdida na floresta. A vida de um depende do outro e ambos se completam, se misturam, se amam. Assim deveria ser, mas ao vê-la decepada, sangrando pelas feridas que lhe fizeram, duvidamos da sabedoria, da ciência e da cultura de um povo que para satisfazer os seus caprichos ignoram sua natureza, matam suas árvores e ainda, são chamados de seres inteligentes.

Hoje o meu caminho ficou mais solitário e triste, os macaquinhos-prego e os outros animais e pássaros se afugentaram, a seriema não mais cantou e o cerrado ficou mais pobre. Resta um adeus e um abraço de despedida. Adeus velha AROEIRA! Que embelezou e floresceu um dia no cerrado e no coração sentimental de um jovem.

Descanse em paz!

A vingança da pintada

Victor Sena

- Fala Zé, bom dia!
- Opa Zé, como é que tá? Tá bonzinho mesmo?
- Rapaz, tô aqui descabreado da vida.
- E o que foi que sucedeu homi?
- Eu inventei uma tal caçada aí, pra aliviar a mente, e acabei foi me estrepando todinho.
- Ué moço, tá faltando carne em casa é?
- Esse é o motivo do meu castigo, só pode: caçar sem ser por necessidade.
- Homi... Mas que desgraça foi essa que desabou sobre sua cabeça?
- Eu fui lá pra nascente do riacho do Gentil, na sexta à noite, acampe embaixo do paredão. Passei o sábado todo de tocaia, pitando e comendo, só ouvindo o canto dos pássaros e buscando as pegadas dos bichos com olhos e as orelhas. Estava tão tranquilo que já vim voltando, beirando o chapadão, de noite mesmo. Até vir acampar de novo no riachinho da Fazendinha. O domingo é que foi minha ruína. Quando levantei acampamento e desliguei o fogo, parece que algo me avisava. Fiquei uma hora pensando se voltava para casa ou não. Eu já estava com um tatuzinho bonito nas costas.
- Óia! Já era pra ter voltado pra casa.
- Mas decidi subir num pé de Timbó só pra ficar vendo o alagado do buritizal, lá depois da baixada do Sucuruiú. Quando de

repente, rapaz... Uma paca gordinha, a coisa mais linda, chega na beira do riacho para beber água. “É meu dia de sorte”, pensei. Enquanto eu preparava a cartucheira e deixava a capanga de couro pendurada num galho, tirei o óculos da algibeira. Tu não acredita! Uma Pintada gigante... Só espreitando a paca do outro lado do riachinho. Homem, aquilo tinha que ser filmado! Pense num gato do tamanho de um boi. Com uma passada tão leve quanto um gato e tão marcante quanto um elefante. Que elegância no trotar mateiro. Um pelo brilhante de um jeito que nunca vi num cabelo de uma mulher, nem de revista! Oxi... Eu que não iria perder minha paca praquela danada!

– Ah, bom! Foi disputar a paca com a onça?

– Era dia do caçador!

– Nego, não se disputa caça com onça.

– Eu tinha que ser ligeiro, pois de longe já dava pra ver ela levantando a cara sobre os arbustos, com as orelhas respondendo ao passar do vento, que parecia fazer ela escutar os sons de todos os cantos. A paca começou a dar uma meia volta para sair do riacho, a onça sentiu que era o momento exato de atacar e se jogou no ar como um esquilo-voador, só que eu fui mais rápido e disparei em direção da caça disputada. A onça, como um capoeirista que desiste do “rabo de arraia” no meio do ar, deu um giro de 180 graus no ar acima do riacho, junto com um grunhido estridente que revelava o tamanho do susto. Perdeu-se na capoeira, naquela velocidade era para ter subido o chapadão atrás da vereda e se perdido no eucalipto dos grileiros, lá em cima do Cerradão.

– E a paca?

– Morta, né? Só dou tiro certo, nego. Oxi, mas rapaz... Fui buscar a bicha numa felicidade. Passei aqui ontem na bodega com o tatu e a paca nas costas. Manoel te contou não, foi?

– Cheguei aqui por agora moço. Mas nunca vi caçador com história de pescador.

— Pois assunte: que cheguei em casa foi todo feliz. Aluguei o ouvido da mulher e dos meninos foi horas, só repetindo minha façanha. Fui dormir com sorriso largo, de orelha a orelha. Menino... Pense numa noite de Azar. No meio da madrugada começamos a ouvir tudo cair no terreiro. Cachorro latir, vaca mugir, galo cantar, galinha cacarejar, prato quebrar, panela voar, madeira estalar, os animais correrem loucos de um lado para o outro. Ou era um furacão varrendo só a parte de fora da casa ou estávamos no filme Poltergeist.

— Aiaiai, já virou foi estorinha de livusia?!

— Rapaz... Tu não tá entendendo! Era menino correndo chorando pra nossa cama, era mulher rezando de joelho no chão do quarto. Foi livusia de uma hora, até a bateção e correria acabarem. Quando o dia amanheceu, e nós tomou coragem pra botar a cara pra fora: nem paca, nem tatu. Os três cachorros arrepiados em cima do telhado, que nem gato, e, a única galinha que sobrou pelo quintal parou de cacarejar. Tá mudinha, tadinha. Um cavalo ferido e minha vaquinha, benza Deus, solta no matagal do vizinho, que pro lado de gado é pior que onça. Sangue pra tudo que é lado. Galinheiro tá lavado. No quintal, tudo quebrado.

— Rapaz... a onça te seguiu?!

— Só ficou as pegadas das patas da bichona por todo o quintal. Ela lutou com todos os animais do sítio e ganhou fácil.

— É... não se disputa uma caça com onça. E nem se caça, se não for por fome.

— Era dia da caçadora! Eu que estava caçando, me tornei a caça.

— Foi a vingança da pintada!

As joaninhas Tita, Jojô e os sabores

Edleia Gonçalves

Lá pelas bandas do Cerrado, estavam dois insetos a caminhar de um lado para o outro, entre uma pequena floração de Caliandras. Elas tinham os corpos arredondados, cabeças pequenas, patas curtas e asas protegidas por uma carapaça coloridas, eram duas joaninhas. Esses dois besourinhos estavam em busca de alimentos. Uma se chamava Tita e a outra Jojô.

Bem próximo às Caliandras, tinha uma palmeira bem alta, era o Buriti. Tita e Jojô, quando viram alguns frutos no chão, foram apressadas saborear aquelas delícias de frutos. Após experimentar os deliciosos frutos do buritis, Tita, bastante saciada, deita sobre as folhas das Caliandras para descansar e tirar um cochilo, enquanto Jojô insiste para ela se levantar e, juntas irem em busca de outros sabores.

Diz Jojô: — Levanta, vamos!

Tita responde: — Assim não dá! Estou exausta e bastante saciada.

Jojô insiste: — Amiga, vamos lá? Ainda dá tempo de irmos em busca de novos sabores.

E Tita diz: — Eu quero descansar.

Jojô argumenta: — Descansaremos após encontrarmos outros frutos.

Tita diz para Jojô: — Amiga, será que realmente encontraremos outros frutos nesse cerrado tão grande?

Jojô responde: — Sim!

É só não pararmos de procurar e logo estaremos degustando incríveis sabores.

Após a grande insistência de Jojô para Tita ir com ela em busca de outros frutos, Tita finalmente resolve acompanhar sua amiga nesse desafio.

De passos longos, as duas caminham mato adentro. Sem encontrar os tais sonhados frutos, exaustas, seguem na jornada levando a expectativa de logo encontrar o que tanto buscavam.

Tita fala: — Amiga, faremos uma pausa para um descanso aqui, sobre as folhas peludas.

Disse Jojô: — Claro amiga!

Enquanto descansavam sobre as folhas peludas, um raio de sol reluziu, permitindo que Tita visualizasse ali próximo, caju vermelhinhos, aparentemente deliciosos, bem suculentos.

Tita, com grande alegria diz: — Jojô, olhe que delícias de cajuzinhos do cerrado!

Pergunta Jojô: — Onde?

Aponta Tita: — Olhe lá!

E Jojô, contente, exclama: Ahh, que maravilha!

As amigas se abraçam e riem de felicidade, pois, apesar dos conflitos vividos por elas, nas aventuras de saírem juntas em busca de novos sabores, elas acabavam de encontrar o que saíram a procurar.

Apressadas e felizes, as duas descem juntas das folhas peludas e seguem em direção aos cajuzinhos do cerrado. Ao chegarem lá, elas tiveram uma baita surpresa!

Falaram as duas Joaninhas juntas: — Ahh, que lugar incrível! Quantos frutos deliciosos!

Ao redor de Tita e Jojô tinham vários frutos: cagaitas, coquinhos, jatobá de casca fina e centenas de cajuzinhos vermelhos. Foi aquela maior comilança! As duas se esbanjaram com tantos sabores e delícias.

As memórias de Alira

Ananda Lima

Alira corria livremente, descalça naquele lugar que lhe trazia tantas recordações afetivas. mulher adulta ainda tinha, dentro de si, sua quiddidade de menina indígena.

Fazia tanto tempo que havia ido embora do cerrado baiano! Retornar à sua origem, era oxigenar suas emoções, sua essência.

Existia uma estrada, nela uma variedade de plantas nativas e frutíferas. Alira, abaixa e pega uma manga, a cheira e como se cuidasse de um cristal, permanece com ela em sua mão, contemplando os ipês, o grande jatobá, as barrigudas em sua florada. Um pouco mais à frente, estava o rio com sua água cristalina. A jovem mulher, diante daquele cenário, tirou os chinelos, deu alguns passos, abriu os braços girando algumas vezes, como estivesse energizando-se com o sol, a terra, o ar e toda a beleza à sua volta.

Diante do rio, contemplou-o. Escutando o movimento da água, o toque sutil nas pedras, sendo potencializado pela brisa do vento. Era o rio da sua infância, o seu lugar. Rio, que entre tantos outros situados nos cerrados, é o nascedouro de importantes rios do país.

Os modos de vida contemporâneo vivido por Alira, silenciaram por um tempo suas memórias, mas estavam retornando com força agora.

Naquele lindo lugar, Alira não resistiu ao convite que a água lhe fazia, pulou no rio do jeito que estava, ficou ali, por alguns minutos, em silêncio, sentindo a água. Sua mente viajou ao passado.

Lembrou-se dos seus pais e de todos os familiares que moravam ali, da infância livre, correndo com outras crianças, subindo na copaíba e embiruçu, correndo atrás do macaco-prego ou queixada, até o dia em que teve que ir embora. As lágrimas se misturaram com as águas do rio.

Sua tia a surpreendeu, chamando-a com uma toalha na mão. Disse-lhe:

— Ainda bem que tinha esta toalha no carro. Saia querida dessa água, vai se resfriar. Faz muito tempo que você não vive estas aventuras.

Alira então, saiu do rio e procurou se aquecer na toalha. Sentou-se na grama e disse:

— Me sinto parte deste lugar, tia. Como se estivesse me reencontrando.

— Minha querida, você é parte dele, como ele é de você. Ter ido morar fora, ser quem você é hoje, não anula sua história. Somos constituídos em processos, por cada vivência que temos ao longo da nossa vida, inclusive a nossa ancestralidade.

— Tem razão, tia. Talvez tenha me envolvido tanto com os estudos e o trabalho, que tenha deixado adormecer o que sempre fui.

— Pode ser, mas acredito que os traumas iniciais que você viveu na escola, por ser indígena, tenha feito com que ofuscasse sua ancestralidade. Uma negação de si própria.

— Não havia pensado nisso antes... Lembro-me que, no dia do índio, queriam que eu dançasse, me vestisse da maneira que eles compreendem o nosso povo, com pinturas pelo corpo e penas. A maioria das pessoas não compreende que os indígenas podem ter uma vida comum como os brancos, negros e estrangeiros. Estudar,

trabalhar, ter uma vida social ou viver como tribos tradicionais, se assim desejarem. Há ainda quem acredita que só existem indígenas no Norte do país. Quando falo que sou do Oeste da Bahia, em pleno cerrado, muitos se mostram surpresos.

— Então, Alira, as pessoas precisam entender que os indígenas são gentes com ancestralidades, sonhos e desejos como outros povos, porém com uma história muito mais profunda com a terra, com o meio ambiente e com este país. A nossa ancestralidade não pode ser negada pelos outros, nem por nós. Podemos ser o que quisermos, social e intelectualmente, mas não podemos desconsiderar a nossa essência, nossas crenças. Em relação a nossa localização, temos outros desafios. Os enfiamentos locais com a disputa de terras e o firmamento como povo originário, são alguns deles.

— Verdade, tia. Sinto que, de alguma maneira, neguei isto dentro de mim, talvez querendo me preservar de conflitos, desgastes sociais e emocionais.

— Alira, entendo sua fuga. Mas agora já é adulta, precisa ajudar o seu povo. E a melhor maneira de ajudá-los é trazendo esclarecimentos às pessoas, mostrando que o índio é um ser que merece respeito todos os dias. Não queremos ser lembrados em um dia no ano, não queremos ser expostos como uma escultura, obra de arte ou outra coisa. É preciso que entendam que fora do bioma Amazônia, há povos originários, inclusive no cerrado brasileiro. Queremos ser ouvidos, temos o que falar. Queremos mostrar o que sabemos fazer e o que pensamos. Não somos selvagens como alguns acreditam. Somos humanos, muitos de nós têm acompanhado a evolução. Olha você. É um exemplo do que estou falando. Porém, também precisamos respeitar os indígenas que escolheram preservar os modos de vida do seu povo, vivendo em tribos.

— Penso, tia, que os que vivem tradicionalmente preservam a essência do nosso povo. Outro dia, li uma reportagem que dizia que

muitas tribos estão sendo extintas, com isso se perde a língua, os rituais e costumes, pois cada tribo tem suas vivências.

— Isto mesmo, Alira. Perceba que as situações são complementares, coexistentes. Na medida em que as tradições precisam ser preservadas, os indígenas que assim o desejarem, têm o direito de viver uma vida comum com estudos e trabalhos. Têm as mesmas potencialidades que qualquer ser humano. É preciso vencer as barreiras do preconceito. Por isso afirmo que você pode ajudar. Cada indígena que faz suas conquistas lá fora, pode ajudar o seu povo.

Alira coloca a cabeça no colo da tia, fixando o olhar nas folhas das árvores que se movem pela força do vento, num bailar sutil do vai e vem, algumas flores caem sobre elas e no chão, de cor rosa bem suave. A moça, acrescenta:

— Tia, como é bom estar aqui, poder conversar com você sobre isso. Está sendo libertador para a minha mente e o meu coração.

— Ora, minha querida, nem os colonizadores conseguiram nos manter prisioneiras, como você poderia estar aprisionada!

As duas sorriem. O tio se aproxima chamando para retornarem para casa.

Então, Alira levanta-se com a toalha na mão, lança um olhar sobre toda a paisagem e afirma para si mesma que voltará mais vezes, que não se distanciará do cerrado da sua vida. Com os olhos lagrimejando, ela respira fundo e sai correndo para o carro como se fosse uma menina de 10 anos.

A tia fica surpresa com a atitude levada da moça e começa a sorrir, dizendo:

- Você continua sendo uma menina Alira, só tem tamanho. Acho que seu pai deve estar vendo isto e achando graça, sem dúvida.

Alira, retorna a sua vida de designer de moda, longe da sua origem, mas agora leva de maneira vivaz os sabores, as texturas e os

sons dos cerrados. Com certeza, não levará mais 20 anos para reencontrar as memórias de sua infância.

Calliandra dysantha

Eudira da Silva Pinto Almeida

Eu sou *Calliandra dysantha*, uma jovem flor do cerrado. Vivo naquele momento, acho que você me entende, muitas dúvidas, questionamentos, é como se o mundo todo estivesse contra mim. Vou contar para vocês a experiência que eu vivi em uma tarde de verão.

No cerrado o clima tropical é predominante. A temperatura média anual é de 24 °C. No verão a temperatura pode chegar aos 40 °C, portanto as tardes de verão são intensas, assim como a minha vida.

Foi exatamente numa tarde como essa que tudo aconteceu. O sol ardente e eu com as minhas indagações de adolescente. Naquele momento, lembrei-me da célebre frase "Ser ou não ser, eis a questão", de William Shakespeare. Acredito que quando ele escreveu essa frase, estava relembando sua fase da adolescência.

A adolescência, etapa intermediária do desenvolvimento humano, entre a infância e a fase adulta, é um período marcado por diversas transformações corporais, hormonais e até mesmo comportamentais. Então imaginem como é desafiador para uma jovem como eu vivenciar essa fase que tem como características: rebeldia, crise de identidade, conflito geracional, tendência grupal, necessidade de fantasiar, evolução sexual manifesta e outras mais.

Sai de casa sem rumo, me sentindo como João e Maria, perdida na floresta. O sentimento de solidão era muito grande, até que avistei uma Flamboyant. Naquele momento fiquei assustada, por ter a

impressão de que ela também estava se sentindo sozinha. A Flamboyant é considerada como uma das mais belas árvores do mundo, suas flores são lindas e ocorrem entre os meses de outubro a janeiro, podendo ter diferentes colorações que variam entre o vermelho e o laranja-claro. É difícil passar perto de uma Flamboyant e não parar para apreciar a sua beleza. Me aproximei dela e questionei:

— Olá! Por que está aqui tão sozinha?

Tamanha foi a minha surpresa quando ela me respondeu.

— Ultimamente ando me sentindo sozinha, excluída, desamparada. Não faço nada bom, não tenho amigos, o mundo não me entende. É claro que naquele momento parecia que ela estava relatando os meus sentimentos. Respondi a ela:

— Bem-vinda ao grupo. Sinto-me exatamente assim.

Naquela tarde, pela primeira vez, não me senti sozinha. Tinha encontrado alguém que entendia o que eu estava sentindo.

Começamos a conversar e o vento foi levando as nossas palavras pelos quatro cantos do cerrado. É como se o Universo estivesse escutando porque foram chegando novas árvores e flores, todas se identificando com a gente.

Aproximou-se o Ipê do Cerrado. Uma árvore com alturas que podem chegar entre 6 e 14 metros, tem o tronco tortuoso com até 50 cm de diâmetro. E para quem adora vê-la florida, o período ideal é entre julho e setembro.

Logo chegou a Colestenia, um tipo de orquídea terrestre que possui insolação média a alta. Sempre é mais fácil encontrá-la próximo a cursos de água em substrato rochoso. Flor do cerrado que costuma nos dar o ar de sua graça e beleza entre os meses de janeiro a março.

A Lobeira aproximou-se falando que também estava vivenciando essa fase. Uma das mais importantes espécies do cerrado. Sua frutificação acontece entre os meses de julho e janeiro e se multiplica de forma bem fácil. Suas flores são bastante charmosas,

apresentando um formato que lembra uma estrela, na cor violeta e amarelo.

E assim, descobrimos juntas o que estava acontecendo conosco. Estávamos simplesmente vivenciando a adolescência. E vivenciar a adolescência é falar, questionar, construir, desconstruir, ouvir, calar. Ser rebelde, com causa. É ser você, um ser importante.

Lá no cerrado

Celso Almeida de Lacerda

Entardecia e o cerrado ainda guardava consigo o brilho de um dia de sol quente e o mormaço armazenado nas suas entranhas. O tamanduá solitário andava lentamente e desengonçado sobre a terra arenosa, na busca de alimentos. Deparou-se com o ingazeiro; seu fruto são vagens adocicadas. Havia vagens maduras caídas ao chão e as formigas deliciavam o doce desse fruto. O tamanduá posicionou seu focinho e com a língua comprida captou as formigas, enchendo a pança. E os outros animais começaram a chegar: O tatu, assustado, foi se encostando ao tamanduá e participando do banquete. Veio também a onça-pintada, lobo-guará, cobra, gambá, porco do mato, veado mateiro, capivara, preá e o papagaio, mais que alvoroçado na copa do ingazeiro gritava por qualquer coisa que acontecia aos arredores. Esse encontro resultou em uma reunião improvisada. O lobo-guará deu a entender sua preocupação em torno do habitar de todos. A noite caía com uma temperatura amena, a lua, candeeiro do cerrado mandava reflexos e clarão para esse paraíso sagrado e o lobo-guará, em êxtase, uivava, contemplando a beleza vinda do céu. A borboleta e o beija flor brincavam sobre o aroma que evaporava no ar. De repente, assustei-me!

Em seguida, o lobo-guará pediu a atenção de todos e começou a narrar o que ouvira: de manhãzinha, quando estava deitado entre as gramíneas floridas, vozes altas e dedos rípidos apontando para um

espaço à frente. Eram uns caras, com botas longas, que dialogavam um com o outro. Dizia o bigodudo:

– O cerrado é propício para o cultivo da soja, do milho... E os outros, de imediato, concordaram.

– Precisamos começar o desmatamento dessa área; as plantações esverdeadas são mais rentáveis, queremos dinheiro!

E a reunião continuava... Os animais apreensivos e revoltados pronunciaram:

– O meu veneno deixará eles paralisados, disse a cobra;

– O milharal, deixe comigo, derrubarei, manifestou o porco do mato;

– O cerrado é nosso, nada de ir para as estradas, disse o veado mateiro;

– Zombou de todos! Vamos correr pelas capoeiras, disse o gambá;

– Calma! Não se desesperem, vou ficar de tocaia, disse a onça pintada;

A reunião terminou, os animais saíram seguindo o seu rumo...

Após quinze dias do encontro dos animais, os caras de botas longas demarcaram a área do plantio e começaram o desmatamento. Os monstros de rodas, sem piedade, derrubavam as árvores. Elas olhavam umas para as outras se despedindo, algumas se abraçavam ao chão e de suas folhas saíam lágrimas oleosas, que sumiam na terra. O motosserra gemia, acompanhando o gemido das plantas. Os animais ensurdecaram, corriam sem rumo, para fugir do momento da separação.

Após o desmatamento, os caras de botas longas, cantarolavam e faziam o plantio... Em pouco tempo, via-se o solo como se fosse um campo de futebol todo esverdeado, plantas do mesmo tamanho, da mesma cor, da mesma espécie e embebidas por produtos que lhe sustentavam, mesmo poluindo o ambiente.

Já ao lado dessa plantação, o cerrado verdadeiro, animava, o vento espalhava folhas secas! O redemoinho em espiral levantava poeira, os troncos robustos e galhos retorcidos curvavam-se aos açoitamentos da dança da resistência. Incêndios emergiam de um nada. Clarão em chamas alimentava o seu nascer e viver.

Os animais continuaram reunindo-se, à espera do socorro humano... O cerrado gritava. O desmatamento retirava suas vestes nativas, causando a nudez da desesperança. O cerrado está cravado na imensidão de um ambiente abençoado pela natureza, que deveria ser intocável.

Mais uma história de pescador

Éllen Sodré

Começou o dia na roça com o canto do galo meio desajustado com o horário. Zaqueu levantou meio incrédulo, achando que Miguel, o pré-adolescente da cidade, não iria acordar a tempo da pescaria. Ajeitou o anzol, pegou umas iscas e, aproveitando a sombra do jatobá, procurou avistar o barquinho, porque se tivesse chovido, o Rio Grande vazaria para a lagoa e a embarcação antiga poderia ter saído do lugar.

Miguel o pegou distraído e surgiu ao seu lado, todo animado:

— Eu disse que ia acordar! Eu sempre acordo cedo, moço! Estudo de manhã. Mas aqui no Junco parece que o galo precisa de umas aulas. Isso lá é hora de cantar?

Em meio a risos e planos de aulas para o galo, chapéu de palha na cabeça de um, boné na cabeça do outro, saíram prometendo à mãe do Miguel que trariam peixe para o almoço, empolgados com a promessa do vizinho de que encontrariam traíras e piranhas.

Zaqueu foi mostrando a Miguel sua rotina, fazendo uma pausa para alimentar os carneiros que ficavam aos berros pedindo comida quando ele passava. Estava na época de manga, com o chão forrado delas, e jogaram umas para o aprisco. Tinha manga espada e imperial, mas também jogaram galhos das mangueiras e de mandioca. Depois seguiram o ritual dos demais pescadores: andaram procurando pegadas de capivaras e raposas, observando o voo das lindas garças

brancas, ao som dos periquitos, que faziam a maior algazarra misturados às cocás, voando do cajueiro ao tamarineiro.

Ao chegarem perto do barquinho, Zaqueu brincou:

– Não comeu feijão ontem? O barco se afastou um pouco, choveu mesmo em algum lugar e a lagoa subiu... Então puxe! Bote força, moleque! Está disposto?

– Oxe, claro que estou! Eu quero almoçar peixe! Foi para isso que levantei cedo!

Já na pequena embarcação, remaram procurando um lugar com sombra e profundidade, mas com cuidado, pois tinha pescador deixando tarrafas em alguns pontos da lagoa, como também contara o vizinho no dia anterior. Para espanto dos dois, passando pela primeira tarrafa, o movimento era intenso, mas não era peixe!

– Cuidado, menino, presta atenção, tem alguma coisa estranha ali! Puxa!

Com receio, o garoto foi puxando e encontrou um mergulhão enorme preso. Zaqueu deu-lhe um canivete e ordenou que cortasse a rede. Mesmo sem saber direito como utilizar o instrumento, ele conseguiu. Tomou umas beliscadas, machucou um pouco os dedos, mas nem sentiu, feliz com a novidade e a oportunidade de salvar um animal!

Alguns metros mais à frente, outra tarrafa e mais animais presos. Miguel começou a ficar indignado, esqueceu-se da pesca e pediu a Zaqueu para parar. Salvaram um cágado e um pequeno pato-do-mato. Este último deu trabalho, foram muitas bicadas, pois a asa estava enroscada na tarrafa. Ele o soltou numa mata próxima da margem, mas o patinho não se mexia. Preocupado, o recolheu colocando-o no colo, esperando que se recuperasse.

– Agora podemos pescar? – Zaqueu perguntou, parando para aproveitar a sombra debaixo do pé de buriti, já sabendo a resposta ao ver o Miguel alegre com bicho no colo.

Porém, depois de horas de espera, o calor era grande e nada de peixe!

De volta à margem, decidiram não levar o pato-do-mato, pois este saiu do colo do garoto, se escondeu debaixo da proteção da proa do barco. Miguel então voltou correndo para casa, de mãos abanando, em busca de algo que pudesse levar para salvá-lo, quando a mãe o perguntou pelos peixes. Ele, quase sem fôlego, contou o que houve e pediu ajuda.

Chegando à embarcação, tentou tirar o pequeno animal escondido na proa, mas não o alcançou. Jogou migalhas de pão, mas ele não animou. Já triste, perguntou à mãe o que fazer, quando, de repente, o patinho saiu do esconderijo apressado e voltou para a lagoa. Parece que só precisava de mais um tempinho quieto para se recuperar!

Naquele dia não teve peixe no almoço, mas o garoto não se importou. Naquele dia ele foi o herói, e nem era apenas mais uma história de pescador.

Maria e a arara-azul

Miriam Hermes

Com cinco anos, a menina Maria mora com a família no loteamento Bandeirantes, em Barreiras, pertinho da Serra do Mimo. Gosta de estudar, brincar e passear com os adultos, subindo pelas trilhas para ver a cidade.

Lá de cima dá para ver bem o vale do Rio Grande e a Serra da Bandeira, onde tem o Aeroporto. Ela não consegue ver o rio Grande, aquele que passa no cais. Mas, lhe explicam que ele corre no meio do vale até desaguar no rio São Francisco, no município de Barra.

Admira a paisagem e pensa em como seria bom poder voar com os pássaros. Brincar com estes passarinhos que vê nas árvores, perto de casa e que moram por ali na serra. Na verdade, gostaria de ser um pássaro colorido, igual aqueles que viu em um desenho animado. Gosta tanto deles que tem como amiga imaginária uma arara-azul, com quem conversa todos os dias. A ave é típica do Cerrado, mas vive também em outros biomas como o Pantanal e Amazônia.

Seus familiares nem estranham mais quando Maria brinca conversando sozinha. Já sabem que a garota tem, além da arara-azul, outros amigos imaginários. Conversa com todos. Eles ‘andam’ com ela o dia todo dentro de casa, junto com bonecas, carrinhos e livros de história. Nos seus sonhos ela voa com a amiga Azul pelos céus, por cima da cidade até a outra serra. Descansam em uma pedra. Divagam sobre a beleza do lugar, que descortina um deslumbrante pôr do sol. Obediente com as recomendações da mãe até em sonho, a menina pede

para voltar. “Porque já começou a escurecer”, diz, olhando para a arara, antes de alçarem o voo de retorno.

Mas, de tudo o que mais gosta é de passear nas trilhas, onde presta muita atenção quando o tio professor explica que aquelas árvores tortinhas e de casca grossa são típicas do bioma Cerrado. Que por ali tem muitos pequizeiros, chichás e timbós e nas veredas, tem palmeirais de buriti. Nem tudo ela entende direito, mas gosta de imaginar que a Azul está por ali, pousando nos galhos e pedras e ouvindo tudo também.

No mês de setembro, quando se comemora o dia do Cerrado (11), a pequena sonhadora nem imagina a surpresa que a vida lhe reserva. Descobre que a família vai visitar o Parque Vida Cerrado, em Luís Eduardo Magalhães, onde tem vários animais que vivem neste bioma, como lobo-guará, tamanduá e arara-azul.

Foi impactante a notícia. Durante o percurso, Maria tagarela, canta, pergunta, escuta, conversa sem parar. De tempo em tempo, pergunta se já está perto, se tem muitos pássaros voando pelo parque e se pode dar um abraço nas aves. Todos riem. Depois de uma hora chegam ao destino. Conhecem muitas coisas interessantes. Maria gosta de tudo, mas está ansiosa para ver as amigas azuis. Finalmente chegam ao espaço das aves e logo ela está de frente com aquelas maravilhas. Sabe que não pode levá-las para casa. Mas bem que gostaria. Está convencida de que elas gostariam da sua casa perto da serra.

Solta um grito de encantamento, mas não esconde a decepção por ver os animaizinhos presos, mesmo que estejam em grandes gaiolas, em meio da vegetação natural e com alimentação semelhante à que comem na natureza. Lhe explicam que as araras estão ameaçadas de extinção, que os bichinhos que estão no parque foram resgatados de acidentes e maus tratos, alguns chegaram machucados e foram tratados.

Maria percebe que as araras são mais lindas do que pensava. Têm os olhos atentos. Soltam gritos que a gente não entende. Que será que dizem? Depois de pensar um pouco a garota indaga: “será que são felizes?”. Na sua imaginação, a amiga Azul vive bem solta. Voando livre pelos céus e pousando nas copas das árvores para se deliciar com seus frutos.

Meu nome é Silva, Lobo Silva

Adilma Vilela

Tudo começou quando eu caí na boca dos contadores de histórias infantis na minha pior versão: a de ser um lobo mau. Começo chamando sua atenção, caro(a) leitor(a), para o adjetivo que me serve de alcunha. Você por acaso gostaria de ser conhecido (a) em todo o mundo com um sobrenome destes? Lobo Mau? Fala sério! Lobo Silva soa bem melhor e será meu sobrenome a partir de agora: é simples, forte e muito mais bonito, convenhamos.

E já que estamos neste “papo reto”, vou logo contestando outra coisa que igualmente é “conversa fiada” a meu respeito. Será mesmo que um “cara descolado” como eu vai morar numa floresta? Quem seria bobo o suficiente para viver num espaço que chove dia sim e no outro também, repleto de árvores gigantes por todos os lados e com perigos que nem eu consigo imaginar? Sou um lobo esperto e falo sério: o lugar onde moro é um paraíso de árvores baixas com troncos retorcidos, faz calor durante quase todo o ano, tem uma enorme variedade de plantas, frutos e animais exóticos e para te matar de inveja é repleto de nascentes de águas cristalinas espalhadas por muitos lugares. Dito isto, passo a narrar minha história, como ela realmente aconteceu e a bem da verdade, ela deveria ter sido contada assim:

Era uma vez um lobo guará que morava com a família Silva e amigos em um bioma chamado cerrado. Um dia, ele estava voltando da escola, no maior “papo” com seus três colegas: a cotia Iara Kiriri, a onça pintada Antonio Geraizeiro e a paca Dandara quando perceberam

um alvoroço no meio da vereda e nem puderam prestar muita atenção ao fato, pois passou por eles, em toda velocidade, um macaco prego gritando em alto e bom som: - fogo! fogo no cerrado! Salve-se quem puder!

Os quatro amigos ficaram paralisados diante do escândalo do macaco fujão. E não foi só ele. Depois da gritaria, vinham em galope, atrás dele, as emas, os veados, os tatus (estes andavam em marcha lenta, como de costume), os tamanduás bandeira e quase toda a bicharada. No cerrado é muito comum ver um foguinho aqui, outro ali, em decorrência dos relâmpagos e do clima, quente e seco, e do humor inconstante da mãe natureza. Mas a julgar pela pressa dos animais e do escândalo do “anunciante”, a situação estava bem feia.

Os quatro amigos correram em direção ao fogo para ver o que podiam fazer. A paca Dandara teve a iniciativa de avisar aos parentes e amigos próximos sobre o perigo que estava por chegar e vazou! A cotia Iara Kiriri ficou com a função de conclamar as araras, os sabiás, os papagaios, as corujas e demais aves para espalhar a notícia rapidamente, utilizando a habilidade natural do voo e do canto. A onça pintada Antonio Geraizeiro se prontificou a verificar a situação mais de perto, percorrendo em sua velocidade habitual, os arredores da fumaça.

E o lobo, fez o que? Soprou, né? Que mais era esperado dele? Se na história antiga ele derrubou duas casas: uma de palha, outra de madeira, só na potência do fôlego, convenhamos que já estava em tempo de usar este talento para algo muito mais útil. Tratou então de inflar os pulmões o máximo que pôde e pôs-se a soprar com toda a força que quase foi a óbito diante do esforço, mas de nada adiantou. O fogo se alastrava rapidamente por entre as árvores: buritizais, ipês, angicos, aroeiras, jatobás, barrigudas e toda a vegetação que havia no meio do caminho. Era a força impiedosa das queimadas, uma prática rudimentar altamente perigosa que ele teria que enfrentar. O inimigo

homem estava em ação mais uma vez. Cansado de ser tratado como mau em todas as histórias espalhadas mundo afora, o lobo percebeu ali, a grande chance de ser o herói e viver com o prestígio que tanto sonhava.

Apesar de bastante cansado de tanto bufar para tentar resolver a “parada” sinistra do fogo que corroía o bioma, um verdadeiro lobo não foge à luta (e nem à fama!). Resolveu usá-la em benefício próprio, mas não sozinho. Juntou a alcateia composta por inúmeros membros da família Silva e juntos passaram a soprar: forte, mais um pouquinho, cada vez mais, todos juntos, até que com um soprão intenso, o fogaréu virou labareda e depois fumaça e foi se apagando por completo. As espécies nativas da fauna e flora do cerrado estavam a salvo, ao menos daquela vez.

Corre por aí, certo *zum zum* de que a história não foi bem assim. Mas em defesa do lobo, é oportuno advertir que isso é coisa de desafetos antigos dos contos da carochinha, que insistem em ser bonzinhos quando cabe a ele ser o grande vilão, responsável pela pior parte da fama: que é comer vovozinha, ter a barriga cortada por um caçador, perseguir porquinhos rechonchudos e apetitosos ou cabritinhos indefesos. Na sua melhor versão, ele gostaria de ser lembrado como um lobo guará que foi bom, forte e corajoso, que conclamou a união em defesa da fauna e flora do cerrado e viveu feliz para sempre ao lado da família e amigos que conquistou. E como todo conto que se preza, este também termina assim: entrou por uma porta, saiu pela outra, quem quiser que conte outra.

Mistérios do cerrado

Maria Augusta Serpa

Desde criança ouvia minha mãe Maria, mais conhecida como Dona Santa, dizer que tinha um tesouro enterrado nas terras da Fazenda Mandacaru, uma propriedade localizada no interior de um município do Oeste da Bahia.

Ela fazia questão de nos contar como surgiu esse tesouro. Segundo Dona Santa, minha mãe, antes de essas terras pertencerem à nossa família, os donos era um casal que não tinha filhos. Segundo ela, Seu Armando e Dona Firmina possuíam muitos bens, criavam gado, a quantidade era imensa que não dava para calcular. Quando as pessoas passavam e os animais estavam no curral, ninguém conseguia cumprimentar o fazendeiro, pois o barulho dos animais interferia bastante.

Além da criação de gado, na casa havia uma riqueza incalculável. Eram muitos objetos de prata, porcelana, centenas de peças de ouro que vieram de fora do Brasil. Até taças de ouro havia lá. Quanto às joias, não dava para mensurar o valor, pois eram muitas.

Muitas especulações existiam em torno da vida daquele casal. O povo do lugar comentava que Seu Armando deveria ser um pirata que tinha escolhido aquele lugar para guardar os tesouros que conquistados ao longo dos anos. Outras pessoas achavam que ele era um herdeiro da Coroa Portuguesa. Muitos mistérios rondavam a vida daquele casal.

O certo é que, depois de muito tempo, essas terras passaram a ser do meu avô e, posteriormente, do meu pai que se chama Elizeu. Minha sábia mãezinha, sempre fazia questão de relembrar a história de vida dos antigos donos. Sabe por quê? Porque segundo ela, o casal havia deixado um tesouro enterrado embaixo de um pé de tamarindo que ficava numa mata não muito distante da nossa casa.

Nessa mata havia muitas árvores nativas dentre elas o pequizeiro e muitas mangueiras, além de outras que fazíamos questão de preservar, já que meu pai e todos da família acreditavam que era preciso cuidar do nosso cerrado.

Segundo os mais velhos daquela localidade, quando alguém enterra um tesouro, o dono da riqueza escolhe uma pessoa para herdar, mesmo que já esteja em outro plano.

Quando soube disso, fiquei pensando em voz alta:

— Bem que nossa família poderia ser escolhida para herdar esse tesouro!

Naquela época, tínhamos boas condições financeiras, no entanto, não éramos herdeiros de nenhum tesouro. Não demorou muito tempo para esse desejo se realizar. Um belo dia, enquanto todos dormiam, escutei papai chamando minha mãe.

— Santa, sonhei com o tesouro que está enterrado em nossas terras e agora não sei o que fazer!

— Como assim? _ Perguntou ela.

Ele ficou muito pensativo.

— Coragem, homem, vamos lá! Esta é a nossa chance!

Saltei da cama e num pulo só cheguei até o quarto dos meus pais, dizendo:

— Vamos buscar esse tesouro, papai! Ficaremos ricos e vamos poder ajudar o povo desse lugar. Construir uma escola para que todos possam aprender pelo menos assinar o nome e fazer as quatro operações. Além disso, poderemos reflorestar as margens daquela

nascente que foi destruída porque não tínhamos consciência do quanto era importante preservá-la para manter a vida no cerrado.

E lá fomos nós, em busca do famoso pé de tamarindo! Adentrar a mata em uma noite tão escura, foi horripilante! Ouvíamos de tudo. Grito de animais, barulho do vento, chiado das folhas secas. Tive a sensação de que até as árvores estavam nos perseguindo.

Começamos a cavar e não demorou muito para ouvirmos um barulho diferente. Tuc, tuc! Tínhamos encontrado algo, era o famoso tesouro.

O tesouro encantado mudou a nossa vida e a de muitas crianças e jovens que puderam frequentar uma escola. Desde então, passei a acreditar que há muitos mistérios no cerrado e que eles podem transformar vidas.

O dia que o café falou!

Stephany Cecília Rocha Damasceno

Líla era uma moça afetuosa, curiosa e muito corajosa. Das meninas que vão com medo mesmo e desbravam caminhos desconhecidos. Sortuda, também! Porque encontra muita gente boa pelo caminho, que a ajuda sempre aonde vai. E foi com essa coragem toda que se mudou sozinha para seguir novos rumos! Em viagem de férias, Líla, que morava na Capital Federal, foi passar alguns dias na cidade de sua avó: Formosa do Rio Preto, interior da Bahia. Em um dia da semana, que nem importa qual - porque nas férias todos os dias são domingo, ou quase isso - sua avó fazia um bolo de farinha de puba, no finzinho da tarde, pra estrear o forno novo escolhido a dedo por longos meses. O dindin foi poupado, algumas pesquisas nas lojas, e lá estava ele: o fogão dos sonhos da avó! Enquanto isso, a jovem estava fascinada por um livro de romance de uma escritora nigeriana... simplesmente não conseguia parar de ler. Até sentir o cheirinho de bolo. Num pulo, levantou-se da cama de sua avó! Aliás, para ela nenhuma sensação no mundo se compara à de jogar-se para um cochilo na cama daquela velhinha. Em seguida, foi para a cozinha e diagnosticou que aquele bolinho quentinho combinava com café. A avó, por sua vez, a repreendeu e disse que não queria aquela bagunça ali, para não sujar toda a cozinha. Ela conhecia Líla e suas peripécias. Mas a moça insistiu. Foi fazer o café, e por um descuido, viu aquele líquido preto subir que nem leite inundando o fogão novo da avó. Tudo isso enquanto ria por ser a pessoa mais azarada do mundo inteirinho.

Quando escutam o barulho que aquela algazarra derramada fez, todos vão para a cozinha! A família de Lila começa, então, com uma sinfonia de palavras e reclamações. A menina vê todos de cara amarrada pela bagunça, mas vem com a cafeteira cheinha, pedindo desculpas sinceras e tentando arrancar um sorriso. E até consegue alguns! Serve sua própria xícara, e observa o rosto de cada um daquela família, descansa o olhar na figura do seu avô e gargalha ao ver as expressões naquele rosto tomando o seu café sem doce. Repara que seu coração não está acelerado, e que não está preocupada com seus compromissos e afazeres. Continua contemplativa. Volta para a cozinha, onde ela e sua avó limpam o fogão. Ali, caladas, com o rolar das águas, cheiros e sons conversam mesmo sem dizer uma palavra sequer. Enquanto lavava a louça, a neta refletia sobre como era bom estar ali, presente! Pensa sobre como seguiu o ritmo da cidade grande para não ficar para trás, mas que, definitivamente, aquele ritmo não era o seu. E que, afinal, o que era estar atrás? Com muita certeza, Lila pensou, o seu ritmo é estar brindando com os seus avós enquanto o sol se põe. Agora a moça entendia que de agitação repentina, preferia a do café borbulhando descontrolado anunciando como era bom estar tranquila numa tarde deliciosamente calma!

O enterro do “imbigo”

Franco Porto

Chega à noite em uma cidade do interior do Brasil. Logo se vê moradores com bancos e cadeiras se acomodarem nas calçadas das casas. Esse é um costume dos moradores das cidades pequenas, que ainda continua mesmo com a popularização dos aparelhos que transformam pessoas em zumbis.

Os moradores, quase sempre, sentam-se em grupos de famílias ou de vizinhos para conversar, pegar uma brisa fresca e passar o tempo. Às vezes, esse é o momento também de ficar olhando quem sai ou entra nas casas vizinhas. É tipo um “reality show” que serve como estratégia eficiente para coletar informações para uma boa fofocinha da vida dos outros.

As fofocas, muitas vezes, se assemelham às *fake news* e não são coisas só dos tempos atuais, da internet e da modernidade, isso já vem de muito tempo. Também, que graça tem ficar sentado na calçada do final da tarde até tarde da noite e não falar da vida alheia?

Mãe e filha, sentadas como sempre, falam de assuntos que são delas e de outras pessoas da família. Depois elas olham para o horizonte, os ipês floridos na praça, as estrelas brilhantes e a lua de prata no céu. Aliás, é a primeira noite de lua cheia.

A filha então se lembra do primo querido que é amante da natureza e que adora se embrenhar pelas matas. A mãe então logo se lembra de uma história sobre a vida dele e começa a falar sobre o enterro do “imbigo”. Ela conta que, quando o “imbigo” desse menino

caiu, após mais ou menos dez dias depois que nasceu, o pai do garoto correu para enterrá-lo na porteira da maior fazenda de soja da região.

O pai do garoto pensava que isso podia garantir um bom futuro ao filho, que então teria tudo para ser um rico fazendeiro depois de crescer. Contam algumas lendas que é bom guardar o “imbigo” do bebê para depois enterrar. O enterro representa a ligação com a própria terra e é capaz de definir como vai ser a vida futura de uma pessoa.

Enterrar o “imbigo” embaixo de uma roseira faria da menina uma linda e delicada mulher. Enterrar embaixo de uma bananeira traria sorte na vida da pessoa. Enterrar no curral faria do menino um criador de gado. Enterrar na frente do hospital despertaria a vocação para a medicina. Se for no terreno da prefeitura, poderia gostar de política. E assim por diante, tudo conforme se pode imaginar. Só não se podia jogar o “imbigo” fora, senão haveria grandes chances de a pessoa gostar de vagabundagem, ou então guardá-lo para sempre, pois assim haveria o risco de a criança só olhar para o próprio “imbigo”.

— Esse costume de enterrar o “imbigo” começou faz muito tempo, quando os bebês nasciam dentro das casas na zona rural — disse a mãe para filha que ficou de boca aberta. — Então ela continuou e disse:

— Os restos do parto eram enterrados na natureza e, como o “imbigo” secava e caía dias depois, os pais não sabiam o que fazer, então começaram a enterrar também o “imbigo”. Assim eles pensavam dar um significado especial ao nascimento da criança.

— Como foi o enterro do “imbigo” desse meu primo? — perguntou a menina.

— O enterro foi feito numa linda cerimônia durante o pôr do sol.

— Que legal, mamãe!

A mãe então disse:

— o pai e a mãe do menino tinham certeza, ali naquele momento, que virar um rico fazendeiro era o destino do filho. No dia seguinte,

logo cedo, para a surpresa do pai, ele viu que alguém tinha mexido no lugar. Parece que foi algum animal durante a noite.

— Nossa! — exclamou a menina.

— O pai encontrou pegadas na areia fofa e, logo depois, ele afirmou que eram vestígios de um lobo guará. Daí em diante, a mãe e o pai do garoto não tiveram mais sossego. Eles se arrependeram muito de toda a cerimônia. Agora não mais sabiam o que seu amado filho iria ser.

A mãe fez uma pausa e depois continuou:

— De todas as simpatias que já tinham ouvido, nenhuma falava sobre o que aconteceria se o “imbigo” fosse comido por um lobo guará. Logo, o futuro do menino estava fora do controle dos pais e isso dava muito medo em todos.

— Coitados! — disse a menina.

— Eles se consolavam porque o filho até poderia se tornar um “guardião do cerrado”, porque tem gente que costuma chamar os lobos guarás assim por causa da sua grande importância ecológica.

— O que, afinal, aconteceu com meu primo?

— Já ouviu falar de lobisomem?

— Claro, mãe!

— O pai e a mãe dele rezavam três ave-marias toda vez que pensavam nisso.

— Quer dizer que ele virou lobisomem, mãe?

— Não. Apenas um biólogo, defensor da natureza, que some nas noites de lua cheia.

O grande Ipê Mágico

Maria do Carmo Barreto

Há muito, muito tempo viviam em uma pequena vila, dois amigos, Cailandra e Sucupira. Cailandra tinha este nome, porque nascera com bochechas rosadas como uma flor nativa da região em que vivia. Sucupira, menino levado, tagarela e arteiro, tinha este apelido por viver trepado em cima de um pé de sucupira que ficava ao lado de sua casa.

Sucupira e Cailandra ajudavam suas famílias nas tarefas de casa, eram muito pobres, não tinha mesmo o que comer na hora do almoço. Naquela manhã, pegar lenha e colher pequi para o almoço da família eram suas tarefas. Adentraram na floresta, como sempre, brincando e correndo.

De muito longe, ouviram uma voz leve e suave: — Oi, estou aqui, venham!

Eles eram muito medrosos, pois seus avós contavam que crianças que eram desobedientes viam assombrações na floresta.

Com muita cautela, resolveram se aproximar. Pensaram que poderia ser alguém precisando de ajuda, então, seguiram o som da voz.

Já com os cabelos arrepiados e as pernas tremendo, perceberam que a voz vinha da copa do ipê amarelo, todo florido e muito alto.

— Quem está falando? - Cailandra perguntou.

— Sou eu, respondeu o Grande Ipê mágico!

Enquanto isso, ele balançava suas flores e liberava um perfume doce e agradável e acrescentou: - Chamei vocês aqui, porque existe um

segredo que guardo há milhões de anos e preciso revelá-lo, pois já está chegando o meu fim, devo encontrar as pessoas certas, crianças obedientes, honestas que amem o próximo, que respeitem os pais e não xinguem.

O menino arregalou os olhos para a menina e quase sem voz, respondeu. - Respeitamos sim e somos obedientes!

Mas, não era totalmente verdade. Sucupira, uma vez, havia respondido e desobedecido sua mãe.

O Ipê insistiu: posso confiar que estão falando a verdade? Então, ele completou:

— Não terá mais volta depois do segredo revelado, se estiverem falando a verdade, não terão mais dificuldades em suas casas, terão comida de fartura, muitas alegrias pelo resto de suas vidas. Porém, se estiverem mentindo, serão infelizes e sofrerão com a fome.

Percebendo que Sucupira estava tremendo, o Ipê Mágico perguntou:

— Posso saber, menino, por que está tremendo tanto?

Sucupira com a voz falha, começou a falar...

— Um dia desobedeci e respondi a minha mãe, mas, me arrependo!

— Por que você fez isso? Perguntou o Grande Ipê.

— Estava com muita fome, já havia alguns dias sem comer, quando ela me pediu um pequeno favor, fui grosseiro e mal-educado, como já falei, me arrependo.

Avaliando a situação delicada de Sucupira, o Ipê decidiu revelar o segredo, porém, com uma condição, o garoto deveria fazer uma promessa.

Então, ele falou:- Você promete que mesmo diante das dificuldades, terá calma, para resolver as situações de conflito e sempre obedecerá às pessoas que o amam e se lembrará que, independentemente do que aconteça, elas só querem o seu bem?

Sucupira respondeu: - Eu prometo;

Então, o Grande Ipê amarelo revelou o grande segredo:

— Entre todas as flores amarelas existentes em minha linda copa, há uma única flor branca, vão pegá-la, levá-la para casa e ela, por ser especial, nunca murchará, todas as vezes que precisarem, basta colocá-la entre as mãos e assoprar bem forte, fazer o pedido e ele será prontamente atendido.

Se usarem com sabedoria, respeito e amor, terão tudo que sonham pra vocês e suas famílias e serão felizes para sempre.

O ipê cor de ouro

Ana Cinthia Passos Moreira

No dia anterior, D. Noca estava em sua chácara debulhando o feijão que seu filho havia colhido na pequena rocinha da família.

Depois do outono, as árvores adormecidas começam a acordar, os troncos já estavam retorcidos, com galhos grossos e grandes, buscando o equilíbrio e o abraço de um novo despertar.

D. Noca ouviu de longe os gritos de apelo e angústia do seu filho:

— Socorro! Ajudem nossa plantação!

A senhora correu bruscamente para a varanda e de lá avistou um pequeno serrote, que estava completamente encoberto pela fumaça e, aceleradamente, ele se misturava à bela primavera que o cerrado apresentava.

Seu grito intenso se embaralhava pelo colorido que aquela estação favorecia, cheia de cores, ainda vivas e exuberantes. Ela não tinha outro olhar, a não ser para o seu ipê, que foi plantado enquanto ainda era mocinha. A árvore embelezava o vasto plantio e, em meio aos gritos de socorro, encolhia-se diante do acinzentado formado pelo calor.

O ipê, por ser caducifólia, já havia perdido suas folhas e estava deslumbrante, repleto de cachos de flores.

D. Noca ficou imóvel/passiva, vendo os vizinhos ajudando a apagar todo aquele fogo, só quem vive no cerrado sabe como se alastra. Os troncos das árvores retorcidas, escondendo-se das chamas que o incêndio estava a alarmar.

Ela gritou:

— Senhor! Não apenas por nossa plantação, que é nosso ganha pão, mas por todas as belezas da primavera no cerrado, de um lugar singular - como o clima, o sol e até o atraso das chuvas - favorece as maravilhas deste lugar. Proteja nosso chão, coloque a mão neste brasão e faça ele se abrandar.

Há quem diga que os ipês brancos, lilases, roxos e rosas são os mais lindos, porém, aquela linda árvore amarelinha, tinha muito a amar. Era uma árvore cor de ouro, que tem o brilho do sol no amanhecer e no entardecer, que só o cerrado pode oferecer.

Muitas pessoas correndo, ajudando a acalantar o incêndio, bem comum naquele lugar. O cerrado é um bioma forte e único, mas muito fragilizado, por quem apela sem se tocar.

As lágrimas começaram a sair, D. Noca, ajoelhada, não cansava de pedir. Em meio aos pedidos de misericórdia, os pingos da chuva começaram a cair. Sim! No mês de setembro a chuva brota naquele lugar, para informar que a safra das frutas da época vai desabrochar.

Os sorrisos de alegria foram fartos, ninguém tentou disfarçar. O chão de terra batido, virou lama e a água começou a escorregar. Tantos pulos de alegria, misturados à nostalgia, que outrora uma linda árvore plantada fosse lhe proporcionar.

D. Noca abraçou seu Ipê Amarelinho e exclamou, não pôde segurar:

— Ah, meu ipêzinho! Que não me falem motivos para sorrir nos invernos da vida e que suas lindas flores sejam contempladas em cada viver da sua primavera.

O ipê dourado

Evandro Guimarães de Sousa

Reza a lenda que, ao final do inverno, todas as árvores começam a florescer, exceto os Ipês sempre muito entristecidos por não terem flores nem frutos. Os pássaros, percebendo essa tristeza deles, resolveram fazer ninhos nos seus galhos. Assim o fizeram os canarinhos amarelos, os periquitos verdes, as garças brancas e outros pássaros. Os Ipês ficaram tão gratos que pediram aos deuses que lhes dessem as flores com estas tonalidades, como forma de agradecimento às aves.

No dia seguinte, os Ipês floresceram nas cores e matizes de cada espécie dos pássaros que construíram ninhos em seus galhos. Como esta estória aconteceu durante o mês de agosto, desde então suas flores desabrocham nesse mês e em setembro.

Sempre apreciei a beleza destas árvores durante sua floração, em especial nas minhas viagens a Alfenas, no estado de Minas Gerais. Em um desses trajetos, pedi ao condutor: “Você pode encostar o veículo? Eu queria apreciar esse frondoso ipê amarelo à beira da rodovia”.

Quando me aproximei da árvore, disse em voz alta: “Posso abraçar o seu tronco?” É claro que a árvore nada respondeu! Então o motorista me olhou espantado, certamente imaginando se eu não era maluco!

Em seguida, abracei aquela árvore centenária por alguns minutos. Durante o restante do percurso, contei a ele que aprendi com minha mãe a sempre respeitar a natureza e receber as energias positivas liberadas durante o nosso contato com as plantas. Em seguida, puxei

uma prosa com ele: “Você já reparou na beleza das flores amarelas, em forma de funil como se fossem cornetinhas, distribuídas por toda a copa das árvores, atapetando o solo ao redor do tronco?”

O motorista apenas balançava a cabeça de olhos fixos no movimento de veículos na rodovia, enquanto murmurava: “Hum, hum!”

Quando ele sintonizou o rádio em uma música sertaneja, aproveitei a dica e questionei: “Conhece a canção Rancho dos Ipês dos compositores Lourival dos Santos e Tião Carreiro?” Cantarolei: *Os ipês quando florescem, tudo ali fica dourado. Parece um céu na Terra que por Deus foi preparado...* Ele então me respondeu: “Não conheço essa música!”.

Em seguida, preferiu continuar ouvindo a seleção das canções do rádio. Lá pelas tantas, perguntei-lhe: “Você sabia que as florações dos Ipês são ricas em néctar que atraem diversas espécies de aves?” Acrescentei ainda: “Sabia que seus frutos, em forma de vagens, servem de alimento para periquitos e tuins?”

“Sua madeira é muito usada na fabricação de portas, janelas, pisos para áreas internas e externas como, também, na produção de móveis.” - exclamei.

Ele me respondeu: “Eu já vi muitos passarinhos nos galhos desta árvore”. Porém, desconhecia o uso de sua madeira.

Chegando em São Paulo, mostrei-lhe outro Ipê plantado na calçada bem em frente ao meu prédio, que já ostentava flores amarelas.

Daí ousei perguntar: “Você sabia que o Ipê é considerado símbolo nacional em outros países e que no Brasil, infelizmente, ainda não foi consagrada como a flor nacional?” Ele rapidamente respondeu com um lacônico: “Não!”

Eu nem tive oportunidade de lhe explicar o porquê desta falta de reconhecimento. Logo me entregou a mala e chispou de volta à sua cidade de origem, com certeza já cansado da minha prosa sobre esta árvore.

Infelizmente, nem tive tempo de lhe contar qual é meu último desejo quando partir desta para outra melhor, apesar de não ter pressa nenhuma. “Gostaria que minhas cinzas fossem depositadas aos pés de um Ipê dourado. Assim poderei participar das florações anuais e observar, lá de cima, todos aqueles que apreciam tanto esta árvore como eu.

O João de Barro ciumento

Robson Batista

Em meados dos anos oitenta, eu morava na Vila Brasil, rua São José, o fim da rua. De frente para as tabuas, tínhamos as aves recenem, cobras, sapos, descendo um pouco mais o Rio Grande, o posto do Orlando onde um remanso levava muita gente. Mas um certo dia, eu decidi não ir em direção ao campo do Orlando. Decidimos ir para casa da tia Domingas, na rua do arame e de lá descer pelo brinco da xuxa (espaço de jogar bola), em direção a olaria de tijolinhos.

Foi naquele dia que cometi meu primeiro assassinato, matei o João de Barro Ciumento. Não tínhamos espingarda de chumbinho, mas nós estávamos munidos de estilingues e baladeiras. O som ensurdecedor dos cocas anunciavam que estávamos distantes do quintal da tia.

Eu não conhecia os pássaros por nomes, mas por apelidos; tínhamos o sofreu, shuite, Maria vadia, papa capim. E o famoso bem-te-vi, o pica-pau; o anum branco e o preto, cardeal, curió, passo preto, sabiá. Mas de todos que eu conhecia, minha vó Maria me dizia: ' Não mate a juriti', pois ela escondeu Jesus quando fugia dos soldados. Ela também dizia: ' Não mate o João de Barro', pois ele anuncia as chuvas e é trabalhador. Mas para a minha tristeza, naquele dia eu acertaria um João de Barro Ciumento. Ele estava de luto naquele dia, e o que eu não sabia vocês hoje vão saber.

Com sua casinha contrária ao lado da chuva, ele sem prumo e sem luva, foi um pedreiro talentoso.

Mirei em sua direção, e o som de sua canção perturbou a minha alma; mas com frieza e muita calma atirei a lisa pelota, derrubando o João. Ele gritou muito e se batia desesperado eu o vi. Eu senti seu desespero, mas dali eu não fugi. Chamei os cúmplices do crime desta caçada, meus amigos de lagoa e pelotada, capturei o João ferido na asa, em seus olhos eu vi amor e ódio. Eu vi um João de Barro das proximidades do mandacaru e Araci, eu o João de perto o cantador.

Quando eu resolvi levá-lo vivo e ferido, começaram as testemunhas a falar do João. O bem-ti-vi dizendo bem que eu vi. O sofreu sofrendo a dor da mulher do João presa na casa de barro. O sabia dizendo sabia que o sabiá sabe! O urubu dizendo eu estou urubuservando. O gavião dizendo eu mesmo posso desenterrar o corpo. Eram muitas testemunhas contra o João, e nenhuma contra mim. Mas minha consciência ouvia a voz da vó Maria. Assim como não posso apontar o dedo para a estrela, nem varrer o lixo pela porta da frente; não podia pelotear João de Barro.

Dias se passaram, eu e a minha consciência mais pesada, o João preso numa gaiola, com ferida na asa só definhava e morria aos poucos. Um vento de fim de tarde entrou na sala e o João se deitou pra morrer, eu comecei a chorar com meu choro de menino. Foi aí que ele, o João, a quem fiz mal, me consolou.

"O João, a ânsia da morte, me disse": Não fique triste menino. Um dia você vai crescer. E assim como eu vai também arrumar uma companheira. Ela lhe fará feliz. Mas se um dia quiser ir embora, deixe-a partir, neste mundo ninguém é de ninguém.

Não se sinta assim tão triste! Estou partindo resolvido! Paguei minha sentença. No dia em que você me acertou eu acabara de trancar minha companheira na casinha daquele galho.

Fui Ciumento até a morte, matei o que mais amei. Sei que assim como eu também matou o que hoje ama.

Volte para sua vida, à beira do rio grande, vá brincar de ser menino. Mas me prometa que nunca mais se atreverá brincar com o destino de um pássaro livre ou aprisionado. A vida pede passagem. A lei do retorno é certa, paguei o crime que cometi, por ciúme, matando minha companheira.

O lobo-guará e o fazendeiro

Débora Santarém da Silva dos Santos

Era uma vez um grande fazendeiro que vivia em uma enorme casa na fazenda e explorava muito o cerrado com grandes plantações de soja, milho e algodão. Para essas culturas ele devastava uma grande área de cerrado.

Certa noite, ele teve um sonho, neste um lobo-guará apareceu em sua frente, mas não era um lobo comum, ele era diferente, usava um grande chapéu, roupas e botas como os homens que trabalhavam na fazenda. Ele começou a conversar com o fazendeiro que, primeiramente, ficou muito assustado. Falou que daqui há alguns anos os animais que aqui vivem deixarão de existir, pois estão destruindo as matas, poluindo os rios e os animais estão entrando em extinção.

O lobo-guará perguntou ao fazendeiro:

— Você conhece os animais que vivem no cerrado?

O fazendeiro respondeu:

— Não, não conheço.

O lobo-guará ficou impressionado com sua resposta e começou a falar:

— Como você não conhece o lugar em que mora? Quando a mata verde era bem preservada tinha muitas árvores com seus troncos retorcidos, era possível encontrar muitos animais como a onça-pintada, o tatu, a anta, o tamanduá bandeira, a cascavel, o tucano e a coruja buraqueira, entre outros que você nunca viu e talvez nem existam mais,

pois vocês já destruíram tudo e estes animais estão entrando em extinção.

Quando acordou, o fazendeiro ficou imaginando quanta riqueza existe no cerrado, além de muitas cachoeiras, lagos, rios e riachos possui muitos lençóis freáticos, por isso o cerrado é considerado o “pai das águas” e com essa grande destruição que estão causando: destruindo as matas, usando agrotóxicos, poluindo os rios, o cerrado está se acabando.

Lembrou do seu tempo de infância, quando ali nascia e era bem diferente a vegetação natural tão verde, dava para ver as araras e ouvir a sua algazarra nos buritizais, agora não dá para ver mais a antiga beleza desse bioma, agora se vê longas pastagens para os animais ou a vastidão de culturas de soja, milho e algodão. São muitas as culturas na região, devido à expansão do agronegócio, vários hectares de terras do cerrado foram destruídos e com isso também acabou com as plantas e os animais que ali viviam.

Depois desse sonho que teve com o lobo-guará, ele começou a rever as suas atitudes, viu a devastação do cerrado, e passou a perceber que não estava correto o que fazia, começou a criar áreas de proteção ambiental nas suas terras, começou a preservar o meio ambiente e, além disso, passou a incentivar os seus amigos fazendeiros a preservar também.

Temos que aceitar o desenvolvimento do agronegócio, pois gera emprego e renda para alguns, mas também temos que preservar vegetação natural e a biodiversidade do Cerrado, não é justo acabar com os animais, destruir as florestas, os rios, pois precisamos deles para a nossa sobrevivência. E novamente o grande fazendeiro teve um sonho e desta vez o lobo-guará apareceu e agradeceu pela sua boa iniciativa para a preservação do cerrado.

O olho que chora e fala

Raimundo Augusto Corado

Seu Zeno era um viúvo que residia em um casebre encravado nos cerrados baianos. Há 20 anos, quando seu filho Dito tinha cinco anos de idade, e sua filha Zoca, tinha sete, os filhos indagaram do pai, seu Zeno, de onde vinha aquela água que servia para tudo em casa, até para molhar as plantas.

Seu Zeno, sem delongas, respondeu: daquele rio que passa ali no mangueiral.

Curiosa, Zoca indagou: E de onde vem esse rio? Enquanto Dito completa: Quem fez o rio, pai?

Seu Zeno, sentindo dever uma explicação, responde: Quem fez o rio foi Deus, ele brota de um olho, chamado de olho d'água.

Passaram-se os dias, e as crianças não esqueceram. Seu Zeno costumava sentar embaixo da mangueira, contando estórias para suas crianças. Numa dessas tardes, resolveram trazer o assunto à tona, com o seguinte diálogo:

— Zoca: Pai, o olho d'água é igual ao nosso olho? Por que ele chora tanto?

— Seu Zeno: Filha, essa é uma história comprida, demanda tempo para ser contada, depois falaremos sobre esse assunto. Vamos fazer nosso lanche.

— Dito: O senhor conhece esse olho? Pode nos levar para nos mostrar? Seria muito interessante.

— Seu Zeno: Sim meus filhos, eu conheço um aqui perto, amanhã, logo cedo, iremos lá para vocês conhecerem.

No outro dia, bagagem arrumada para o passeio, partiram radiantes de alegria e ansiedade em conhecer o OLHO D'ÁGUA, tão comentado pelo seu velho pai.

Beiraram o rio e seguiram. Seu Zeno foi mostrando as ilhas formadas ao longo do tempo, as ribanceiras que caíam nos leitos dos rios, e, de repente, a criançada se depara com uma roda d'água, e Zoca pergunta:

— Olha pai, o que é isso? Uma roda d'água, responde seu Zeno.

E para que serve, indaga Dito. Eles se conformam com as explicações de seu Zeno, quando diz que serve para levar água para matar a sede das pessoas, das plantas e dos animais.

Seguiram em frente, quando encontraram uma lavoura enorme, e, à margem do rio, um grande espaço aberto, onde tinha um motor e canos. Novamente as indagações. Era um Pivô. Seu Zeno cuidou logo de dizer que devido ser uma lavoura de grande porte, carecia de maior volume de água para ser regada.

Tocaram a viagem. De certo ponto para frente, não existam árvores às margens do rio, eles puderam ver que naquele ponto o rio estava bem estreito, quase uma corredeira, muita sujeira e apresentava uma cor cinzenta, mas não disseram nada para o pai. Andaram mais um quilômetro, e chegaram ao esperado OLHO D'ÁGUA.

Seu Zeno havia alertado para não se aproximarem muito do olho d'água. Assim eles fizeram. Subiram em um murundu próximo e ficaram a admirar.

Ao perceberem o borbulhar do minadouro, Zoca não se conteve e perguntou: Seu olho d'água, por que você chora tanto?

De repente, uma voz rouca, vinda do minadouro, responde: São as dores que provocam tanta lágrima. Não posso gemer, não posso gritar, não posso pedir socorro.

— Dito pergunta: Como podemos te ajudar, seu olho d'água? E a voz novamente responde de forma pausada:

— Minadouro: No caminho, vocês viram tantos barrancos caindo no meu leito, colocaram rodas d'água e até pivô para sugar minhas águas, desmatam minha vegetação, derramam sobre minhas águas, óleos, inseticidas e galhos de árvores. É grande meu sofrimento. Vocês não irão ter como me ajudar, pois as ações dos homens estão contra mim. A poluição é muito grande. Estou perdendo as forças. Muitos olhos como eu, já deixaram de existir. Minha fauna, minha flora, meus peixes, tudo está à míngua. Estou convalescendo, estão sendo minadas minhas forças, meu choro é de tristeza pelo tratamento que recebo.

O pai, seu Zeno, surpreso com o que vê, chama os filhos para retornarem.

Eles querem ficar mais um pouco, mas obedecem e se despedem do olho d'água com um aceno de mão.

No retorno, seu Zeno pergunta: o que acharam do olho d'água?

— Dito: fiquei com pena dele, pai. Pai, por que os homens fazem tanto mal para o olho que só faz o bem?

— Seu Zeno: É a ganância misturada com a necessidade, meu filho.

— Zoca: Se tudo depende daquele olho, se ele é uma criação de Deus, por que os homens agriem tanto? Se ele parar de chorar, o que pode acontecer, pai?

— Seu Zeno: Aí, filha, vão ter que inventar outro jeito, pois é daquele olho que sobrevivem as lavouras, as cabeças de gado, as plantas, e, por fim, nós, seres humanos, pois tudo em cima da terra bebe. E o pior de tudo, meus filhos, é saber que os olhos d'água são indefesos. É bem maior o número de pessoas que agriem, que aquelas pessoas que cuidam e que socorrem.

Já é meio-dia, e chegam em casa para o descanso da viagem. Seu Zeno se aquieta e fica ouvindo o papo entre os dois, que acabaram de matar a curiosidade sobre o rio que passa nos mangueirais do seu roçado.

O pequeno Ossain, um erveiro aprendiz

Carolina Reichert do Nascimento

Rosinha adorava subir a Serra da Bandeira para brincar com os amigos. Naquela tarde, o grupo decidiu que, após percorrerem o caminho de chão arenoso, iriam brincar de esconde-esconde. Ao chegarem em certa altura, logo correram em direções variadas para que cada um pudesse seguir ao local escolhido e permanecerem camuflados em meio aos galhos retorcidos da vegetação. Rosinha, como de costume, foi a que correu para mais distante. Após chegar na direção dos densos arbustos estava ofegante, pois havia corrido muito. Ainda ansiosa pelo início da contagem até ser descoberta, continuou em silêncio e à espreita, caso algum dos amigos a avistasse. Nesse mesmo instante, percebeu um forte vento em sua direção que emaranhou seus cabelos cacheados e compridos. Logo, recordou-se das histórias contadas por sua vóinha que, em várias das prosas, comentava que na Serra habitavam pequenas criaturas, quase de seu tamanho. Além disso, a avó dizia que ela deveria tomar cuidado porque, às vezes, esses pequenos seres faziam com que as crianças se perdessem na vegetação, o que poderia atrasar o retorno para casa. Mesmo assim, ao ser atingida por outra brisa, voltou-se para dentro da mata, já que o vento era sentido como um chamamento. Imediatamente, viu se formar diante de si um caminho de folhas no solo. Mais uma vez, a curiosidade causada por meio da união delas ao caírem das árvores despertou seu olhar para suas copas. Enquanto sentiu o calor dos raios de sol cruzando os galhos

verde-acinzentados do Cerrado e que acaloravam aquela tarde, passou a ver o caminho construído de maneira mágica na vegetação. As folhas entrelaçavam-se de modo igual a uma lenta chuva e, a cada passo seu, contemplava as folhas retornarem aos seus galhos. Nessa hora, Rosinha tomou um susto, visto estar diante de um menino que, igualmente a sua altura e a sua idade, estava coberto com várias folhas em metade de seu corpo. Na cabeça, utilizava uma coroa de pequenos galhos entrelaçados e folhas em broto. Ficou mais assustada ainda, pois voltou a se recordar das falas de vóinha. Espantada perguntou como o menino se chamava. Me chamo Ossain. Estou colhendo folhas e você? Eu sou Rosinha. Logo, ela o indagou por qual razão ele estaria fazendo isso e Ossain prontamente a respondeu: minha mãe pede para que eu saia todos os dias para estudar as folhas e necessito andar em meio a vegetação. Está vendo aquele dossel? Eu moro com mainha e meus irmãos depois dele. Hoje mainha descreveu três folhas que preciso procurar. Então, cheguei até aqui. Voltarei com elas nas cabaças para que mantenham sua vitalidade. Ao chegar em casa, sentamos todos juntos e verificamos se eu as acertei porque dizem que, agora que estou criança, sou um aprendiz. Muitas das vezes eu encontro, aí, essa folha passa a ficar assentada em minha roupa. Se eu não descubro a folha, careço lembrar as resenhas de mainha e, em outro dia, retorno a caminhar para poder achá-la. À medida que eu crescer, quero saber sobre todas as plantas, ser um erveiro! Rosinha, cheia de questões a Ossain, indagou: você deseja saber sobre todas as plantas? Sim! Mainha disse que só dessa maneira entenderei quais delas poderei misturar para fazer chás, incensos, banhos e garrafadas para auxiliar na saúde das pessoas. Após explanado o propósito do pequeno Ossain, Rosinha quis saber quais folhas ele havia colhido. Em seguida, respondeu que havia apanhado o alecrim do campo, o velaminho e a malva da serra. Atenta, questionou ela: alecrim do campo? Sim! Sem demora, o menino recoberto de folhas moveu-se para abrir uma das

cabaças e despejar parte das folhas na pequena mão de Rosinha. Tome, leve um pouco! Ainda, exclamou que sua mãe comentou que tal planta seria um arbusto de folhas miúdas, muito cheirosa e que, ao triscar forte as folhas com a ponta dos dedos, identificaria seu aroma. Rosinha amassou as folhas e sentiu o frescor. Da mesma forma, sua mãe também contou uma de suas finalidades de uso entre os vários existentes para aquele alecrim: pode ser utilizado para chá, como infusão, quando o nariz ficar enfezado e começar a cantar. Ossain e Rosinha riram muito, dado que apenas a boca poderia cantar e, deste jeito, encantar as folhas. No momento em que os risos acalmaram, Rosinha ouviu o apelo de um dos amigos, tendo em vista que ele poderia entender que estaria perdida na vegetação. Ela quis voltar à brincadeira. O aprendiz refez o percurso de folhas encantadas para o bom retorno da amiga que levaria um pouco do alecrim magiado pela alegria do encontro entre eles, uma agradável lembrança para Ossain.

O segredo que transformou o cerrado

Tina Laura

Era Primavera, o sol aquecia a linda manhã, como todo beija flor é curioso e observador, fiz um leve passeio pela mata ciliar refletindo a vegetação enfraquecida, sem o frescor das águas, poucos insetos e senti falta até das borboletas. Sobrevoando, vi que as plantas rasteiras eram escassas, então fui deliciar as flores dos ipês.

Nesse solitário desbravamento notei uma grande área cercada de pau a pique e um boneco enfeitado, que movimentava com os braços e pernas, girava, girava a cabeça. Achei interessante, migrei o voo em sua direção. Pairando de maneira bem lenta vi que usava um chapéu e nele uma flor de cactos. Ora! era branca, mas não emitia cheiro algum, não tinha nada de natural.

Era um Espantalho?

Soltei um assobio. Pffio... pffio... Ele desobedeceu ao vento cruzando os braços e disse: Olá!

Eu continuei tentando beijar aquela flor enquanto pergunto:

O que fazes por aqui com essa roupagem?

Ele — sou guardião, recebi a missão de assustar os pássaros pra não comer a plantação.

— E você acha correto que os pássaros morram de fome?

Ele respondeu:

— Não, não mesmo! Quero que me ajude a salvar o cerrado. As árvores foram derrubadas e queimadas! os seus amigos morreram, outros fugiram. Até o riacho secou!

— E como acha que vou confiar na sua benevolência se espalha meu bando de forma tão assustadora?

Ele pediu naquele momento que eu me aproximasse pois queria falar ao meu ouvido: “Eu sou o menino das matas, vivo por aqui tentando proteger a natureza. Todos os dias eu retiro o espantalho e fico no lugar dele. Para que os pássaros possam se alimentar. Não faço nenhum mal.

E continuou cochichando tal segredo emitindo uma brilhante ideia.

Ouvi e logo voei rapidamente.

Fui até o pé de jabuticaba, conversei com toda passarada, á que ali se reuniam para comer os frutos: periquitos, papagaio, sofreu, pica-pau, pombas, codorna, beija-flor, pássaro preto, marreco, bem-te-vi, inhambu, arara azul, juriti e muitos outros.

O plano era replantar toda aquela área de preservação.

Enquanto planejavamos, o dono daquelas terras ordenava à sua equipe o extermínio das aves. Queria revidar:

— Matem todos ou perderemos a lavoura! Nem o espantalho assombra mais essas aves! Comeram os brotos e as sementes.

Empático, menino que se vestia de espantalho organizou toda reviravolta, em prol do cerrado, colocou os pés de mandacaru entre as cercas, posicionou diversos espantalhos sobre os espinhos para confundir os trabalhadores.

Os ramos de cipó, os pés de cansação a planta da urtiga se entrelaçavam por toda a porteira impedindo a entrada.

Tudo pronto; chegou a imensa passarada, sementes nos bicos e pequeninas mudas de todas as espécies de planta: tinha pequi, caju, goiaba, marmelada, araçá, puçá, ingá, jatobá, tamboril, aroeira, cedro, violeta, ipê, jacarandá, à medida que enchiam a pança, eles replantavam todo o espaço.

Armados com espingardas, estilingues, inseticidas, o grande produtor daquela região e sua equipe de lavradores, ao tentar entrar, perceberam algo diferente com apenas um passo para abrir a porteira já gritavam.

— Socorro, socorro - há perigos, se afastem, o plantio foi roubado, há coceiras por todo lado. Não entrem.

E assim fugiram.

Ao sinal do apito daquele menino, nós pássaros levantamos o maior voo coletivo, deixando toda reserva recuperada.

A chuva caiu molhando a nova plantação e enchendo o riacho que já não existia.

O menino escreveu uma enorme placa e marcou aquele território, com a frase:

CONSCIÊNCIA AMBIENTAL, NÃO DESTRUA O CERRADO!

Quebranto? Reza cura.

Marilde Queiroz Guedes

Jorginho era uma criança muito linda. As pessoas diziam que ele poderia ser capa da revista Pais & Filhos, de tão belo que era. Sua mãe, dona Laura, ficava orgulhosa e até vaidosa com os elogios sobre o filho. Assim, quando Jorginho saía para passear, ela caprichava nas roupinhas, sapatos e no penteado do cabelo do menino, que tinha uma cabeleira cacheada, à altura dos ombros. Ficava um verdadeiro príncipe, mas, não era “O Pequeno Príncipe” do escritor Antoine de Saint-Exupéry.

Sempre que Jorginho voltava dos passeios da tarde, apresentava sintomas estranhos: olhos lacrimejantes, bocejos constantes, moleza no corpo, tristeza, às vezes ficava febril, não queria tomar a mamada, tinha até crise de vômito. A mãe, preocupada, procurava sempre um médico pediatra para socorrer a criança, que poderia enfraquecer e até morrer.

Um certo dia, a vizinha mais próxima, Dona Geralda, que era rezadeira famosa naquela comunidade, falou com muita certeza: - Dona Laura, seu filho tem é quebranto.

— Quebranto!? Que doença é essa, D. Geralda? Nunca ouvi nem falar.

— Pois, existe, minha senhora. É também conhecida por mau-olhado e inveja. Diz a cultura popular, que se manifesta também em animais e plantas. Porém, tem cura. Basta fazer uma reza forte, com raminhos de arruda, e muita fé em Nossa Senhora da Saúde, que os sintomas logo desaparecem.

Pelo visto, D. Geralda era uma mulher entendida, tinha saberes populares, por certo, aprendidos com seus antepassados (avós, pais, comunidade que vivera). Gostava de ajudar as pessoas com suas benzeções. Não cobrava por elas. Dizia que fazia as rezas para atender um chamado divino. Pra ela, rezar era um dom dado por Deus.

Dia das Crianças, como era de costume, houve festa na escola de Jorginho. Sua mãe o arrumou e o levou para participar com os demais coleguinhas. Ao chegarem, começaram os comentários: que criança linda; é um príncipe; é o menino mais bonito da escola; olhem os cachos dos cabelos! Poderia aparecer na TV ou em alguma revista. É lindo demais!

Nisso, a mãe do menino olha para ele, sente-o molinho, abrindo a boca o tempo todo e sem querer participar das brincadeiras com os colegas. Incentivava, vá Jorginho, todos estão se divertindo, só falta você. Nada fazia o menino participar.

Laura, então, lembrou-se do que dissera D. Geralda sobre aquela doença – o quebranto. Acho que meu filho está com mau-olhado, o bendito quebranto. Ele veio bonzinho para a escola, foi depois dos comentários daquelas pessoas, que ele ficou assim, pensou a mãe.

Apressada, Laura, correu à casa de D. Geralda, que não ficava muito longe da escola. Socorro, minha vizinha! Veja o estado de Jorginho, será quebranto? A benzedeira, experiente no assunto, disse logo: tenho certeza de que é mesmo mau-olhado. E, foi logo ordenando: pegue no meu quintal uns raminhos de arruda, os mais verdinhos, para eu benzer o menino. Com fé em Deus e Nossa Senhora da Saúde, já, já estará bom.

E toca a rezar, fervorosamente, algumas de suas preferidas, porque existem várias para afastar o tal mal.

“Tens quebranto e mau olhado. Com dois te puseram, com três te tiro; eu, com os poderes de Deus e da Virgem Maria”.

“Deus te remiu, Deus te criou, Deus te livre, de quem para ti olhou.

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, Virgem do pranto, tirai este quebranto!”

“Pelo poder divino que tem, Nosso Senhor Jesus Cristo, este quebrante vai sair pelos lados, pelas costas, por cima, por trás e pela frente. Pela fé em Nosso Senhor, assim se fará: saindo pela frente, por cima, por trás, por baixo. Amém”.

Depois da benzeção, Jorginho ficou animado, brincou bastante com seu cão, o Rex, e nunca mais teve quebranto. Sua mãe agradeceu a D. Geralda, que com sua reza salvou a vida de Jorginho.

Depois disso, passou a contar a toda gente da vizinhança que quebranto, reza cura.

Mas, para alcançar a graça da cura é preciso acreditar, ter fé. Que nunca nos falte benzedeadas!

Revolução dos gafanhotos do Vale do Guará!

Valney Dias Rigonato

Numa vereda muito distante se difundiu a história da destruição das espécies nativas do Cerrado. As histórias que chegavam se multiplicavam pelo telefone sem fio dos Joões-de-barro, dos Tatus e, principalmente, pelos líderes das nuvens de gafanhotos verdes e amarelos. Imediatamente, se formou um grupo de líderes com o propósito de fazer o movimento revolucionário para interceptar o desmatamento intenso e, mormente, a destruição do bioma Cerrado.

Naquela manhã de verão, conversaram, divergiram, mas escolheram um líder entre os líderes gafanhotos. Prepararam os suprimentos de viagem, afiaram suas navalhas dentais e marcaram o local de encontro. Todos sabiam os riscos, entretanto havia confiança, esperança, do mesmo modo, da necessidade de se manifestarem.

Quando o sol apontou os primeiros raios de fogo nas gramíneas sombreadas pelas folhas das inúmeras palmeiras de Catolé, houve explosões de entusiasmo, de alegria, as quais tomaram de conta dos gafanhotos, pois aquela ação poderia sinalizar um sopro de esperança. Então, partiram.

Duas horas depois, surgiram os primeiros obstáculos, praticamente intransponíveis. Um deles foi o rio Guará, caudaloso de águas cristalinas e correntezas fortes. Uma barreira intransponível naquela jornada revolucionária dos gafanhotos. Difícil decisão para o líder, mas, ele, um gafanhoto de meia idade já conhecia outras águas.

Ele já tinha se aventurado nas aventuras do rio Corrente. Viu a destruição das matas ciliares do rio Grande pelos chacareiros. Presenciou a retirada homogênea de milhares de hectares de Cerrado na bacia hidrográfica do rio Preto. Com essa experiência toda, ele orquestrou os jovens revolucionários a caminharem rio Guará acima, pois sabia que iria encontrar um caule de buriti deitado, descansando sobre aquelas águas cristalinas.

No trajeto houve incertezas e desconfianças. Árdua deliberação a tomar, mas os gafanhotos demonstraram perseverança, união e confiança. Aqueles que ainda tinham suas asas chegaram mais rápido. Mas, aqueles que caminhavam nas trilhas enfrentavam vários incômodos: grande quantidade de pássaros devoradores de gafanhotos, os quais tinham perdido suas residências nas paisagens dos Gerais. Então, muitos camuflaram, outros esconderam entre o capim dourado, o capim colchão, às sobras dos pés de buritis e debaixo das folhas das macaúbas.

Atravessaram o rio Guará. Tudo parecia calma. Logo perceberam que o ponto de encontro estava logo adiante. Uma grande clareira linear que serpenteava ao longo da vereda do rio Guará. Naquele momento, inúmeros pensamentos povoaram as mentes dos demais gafanhotos daquela grande nuvem: “eu acho que se eu fosse o líder falaria isso”. “Eu não quero andar, voar e lutar mais, estou cansado de tanta aventura”. O líder, em seus pensamentos profundos: “será quem esses mais jovens vão agradecer pelo percurso que escolhemos fazer?” Outro já elucidava, “qual será o foco da nossa luta, pois todos aqueles pássaros devoradores de gafanhotos já tinham perdido suas famílias e casas”.

Imediatamente, o líder percebeu que esses pensamentos ganhariam dimensões imagináveis. Então, ele imediatamente convocou uma reunião para o grupo discutir e estabelecer as estratégias de defesa para preservação e conservação daquela área. Ele sabia que

para minimizar os atritos, as agressões verbais, as desconfianças, era preciso formar pequenos grupos com antagonismos e propósitos recíprocos.

Diante deste cenário, ele tinha plena clara evidência de que era impossível fazer revolução nessas paisagens. Ele tinha vivido e espiado a destruição maciça das árvores, estreitou o fogo ardente nas grandes fazendas e condomínios rurais. Sabia que não poderia deixar os gafanhotos perderem a esperança de lutar. Tinha consciência absoluta que parte da população humana são amigas dos animais silvestres. Todavia, as horas passaram, os murmurinhos surgiam, pois o calor já não vinha apenas do sol. Também brotava do cascalho e das pequenas rochas de quartzo no solo. As faíscas brotavam nas Canelas-de-Ema. Além disso, a comida escasseou e as expectativas se tornavam diversas.

Neste instante, o líder com pouco tempo de vida fez o seu último pronunciamento: “viemos até aqui. Sobrevivemos a essa caminhada exaustiva. Agora temos de seguir juntos em pequenos grupos. Não esqueçam da nossa revolução. Mas, hoje elas não são iguais ao passado. Temos de almejar metamorfoses em cada lugar que passamos, bem como na forma de pensar e agir. As direções das nossas nuvens não serão direcionadas pelo nosso estômago.” Deu uma pausa e asseverou, “observem os seres humanos. Com eles descobrimos o caos e os desertos verdes. Muitos são piores que gafanhotos famintos. Então, almejam pequenas mutações, sonham e agem ao mesmo tempo.”

Ao terminar a sua manifestação, múltiplos grupos de gafanhotos partiram para as lavouras de milho, de feijão e de soja e uma nuvem para o Cerrado. A maioria não sabia que aquelas lavouras estavam infestadas de agrotóxicos. Já, o grande líder, pouco imaginava o futuro que lhe esperava. Ele foi atropelado, logo após os grupos de líderes autônomos se dispersarem no final daquela manhã de verão ensolarado, por um grande gafanhoto mecânico: uma motocicleta do

Rally dos Sertões que veio em alta velocidade. Enfim, façam revoluções mais conscientes, pois os gafanhotos não são os mesmos no Cerrado.

Trilha no cerrado

Eva da Silva Pais

Certo dia, um grupo de estudantes realizou um passeio para conhecer o bioma cerrado. Enquanto organizavam as mochilas guardando o lanche que seria degustado, garrafinha com água, celulares para guardarem memórias através de vídeos e fotos, pensavam: como seria o lugar, quem o habitaria? Será que teriam a oportunidade de ver os animais, cheirar o perfume das flores, ouvir o canto dos pássaros, sentir a delicadeza das nascentes manando água cristalina? E assim, as expectativas e a ansiedade para vivenciar a experiência aumentavam.

Durante o percurso, os estudantes cantarolavam dentro do ônibus, recitavam trovas e poesias. Tudo era mágico! Ao chegarem no local, perceberam que a mão humana já tinha esboçado novos espaços, modificado o ambiente que a natureza desenhara, mas a beleza permanecia à luz de novos olhares. Desceram apressadamente, observaram que lá tinha uma espécie de auditório para minipalestras, uma cantina, uma área aberta bem ornamentada, dentre outros elementos típicos de um lugar que agrega valores, cuidado e a identidade do cerrado.

Convidados e instruídos por um técnico ambiental, os alunos desbravaram trilha adentro. Saltavam pedregulhos, moitas de capim braquiária, ora levavam sustos com os bichinhos, escorregões nas folhas molhadas por uma água que não sabiam de onde vinha, naquele

lugar aparentemente seco. E assim, iam registrando o caminho e vivendo grandes emoções.

Em meio aos buritizais, com o reflexo dos raios solares, frutos caídos ao chão, viram um pequeno animal saltitando do outro lado. Perguntaram:

— Que bicho é aquele?

Sem titubear, um estudante respondeu:

— Um coelho do mato, ora!

Todos deram altas gargalhadas quando o técnico disse que era um preá, um parente do porquinho-da-índia, animal herbívoro, roedor, nativo da América do Sul e que, em alguns lugares, é criado para ser consumido como alimento.

Mais adiante, ouviram os sons das águas escorrendo entre valinhas, matas ciliares e folhas podres, um curso natural criado pelo escoamento da nascente que, sem exigir muito, faz seu trabalho manso, diário, alimentando lagos e rios com sua cristalina água doce.

Entre caminhos, falas, sons da natureza, uma self para marcar aquele dia tão especial.

Demonstrando certo cansaço, resolveram sentar-se embaixo das sombras de um pé de jatobá. Ao longe, avistaram uma arara azul fazendo seu brilhante voo e em seguida, uma revoada de periquitinhos para enfeitar aquele céu tão límpido e repleto de luminosidade.

De volta, suados, ofegantes, porém felizes, sentaram nos bancos do auditório, refletiram sobre tudo o que viram, os fatos que mais lhe chamaram a atenção, tiraram dúvidas, até chegar o momento do lanche coletivo.

Conversando sobre os frutos do cerrado, tiveram a oportunidade de manusear pequi, buriti, jatobá, jambo, sentindo suas formas, cores, textura e, por fim, apreciaram seus cheiros e sabores.

Um aluno disse:

– Eu gosto de pequi na galinhada!

Outro acrescentou:

– E eu, com farinha e açúcar!

– Gosto da castanha também! _ disse uma menina.

Alguns demonstraram certa ojeriza.

Já chegando ao meio-dia, clima quente, foram distribuídos picolés de produção própria. Dentre os sabores de milho verde, buriti, manga, lá estavam os de pequi. Para a surpresa daqueles estudantes que alegaram não gostar do cheiro, se deliciaram com o picolé de pequi e pediram mais.

E assim, cheios de novidades para socializarem em casa, na escola, com amigos e familiares, os estudantes retornaram desse incrível passeio com muitas ideias e saberes acerca do nosso cerrado.

Vem, Maria!

Thiago Ribeiro Rafagnin

J á passavam das 3h da madrugada quando Dona Maria despertou repentinamente, naquele dia 12 de outubro de 1990. Ouvia-se o ronco de Seu Demerval, que dormia a uma distância de 3 quartos.

A casa de Dona Maria era imensa, herança de seus pais Coronel Bento e Dona Mercedes. Dona Maria e Seu Demerval, irmãos, herdaram, além da casa, uma grande quantidade de terras. Solteiros, ambos viviam juntos naquela grande propriedade, no interior de Santa Rita de Cássia, na Bahia.

Dona Maria dormia pouco, acordava durante a madrugada e saía a caminhar, amava sentir o cheiro do cerrado. Mas não era o amor que a despertava, era o medo. Dona Maria temia a morte. Não temia o fato de que pudesse morrer, mas temia a morte enquanto entidade, um ser sobrenatural.

Desde a morte de seus pais, no final de setembro de 1986, Dona Maria dizia a Seu Demerval que enxergava a morte, que a chamava a caminhar sob o luar, nas noites do cerrado. O irmão nunca acreditara nela, dizia que estava gagá, afinal, era uma mulher com quase 70 anos de idade.

Contudo, naquela noite tudo parecia diferente. Dona Maria despertou, ouviu uma voz que a chamava próximo do curral. Acendeu a lamparina e caminhou, vagarosamente, até a porta da frente da casa, era uma porta enorme de madeira de angico, mais velha do que Dona Maria.

Ao abrir a porta o som ficou mais alto. Ouvia alguém que dizia: “Vem Maria, vem Maria!”. A voz parecia ser de uma pessoa conhecida. Pensou Dona Maria que a voz era de Acássia, filha de seu Tio Deolindo, que morava cerca de 4 km da propriedade.

Dona Maria pensou que Acássia pudesse estar precisando de ajuda, pois seu tio já beirava os 95 anos e apenas Seu Demerval tinha carro que pudesse levar alguém até a cidade, em caso de necessidade.

A luz da lamparina iluminava o cerrado naquela noite escura, mas Dona Maria pouco via a sua frente, a catarata incomodava sua visão, mas ouvia muito bem e, a cada passo, o som ficava mais alto: “Vem Maria, vem Maria!”.

Quando se aproximou da Lagoa do Monte Alegre, Dona Maria nada mais ouvia, além do barulho de uma seriema embrenhada no mato. A voz, estranhamente, havia desaparecido. Sentou-se na beira da lagoa, a lamparina refletia uma luz fraca naquelas águas. Dona Maria sentia que não estava sozinha naquele lugar. Apesar do sumiço da voz, sentia a presença de alguém.

Era outubro, mas Dona Maria sentia um frio peculiar em seu corpo, mas não havia vento, apenas suas mãos estavam gélidas. Esfregava as mãos buscando esquentá-las.

Olhava para o céu estrelado lembrando de sua infância e adolescência no Monte Alegre. O cerrado estava cheio de felicidade, pensava ela: “Como fui feliz!”.

Voltou a ouvir aquela voz que já não mais se parecia com a de sua prima, mas, ainda assim, era uma voz doce e amigável. “Não tenha medo!”, ouvia Dona Maria.

Seu irmão estava certo, pensou ela, estava ficando gagá. Entretanto, ela pôde sentir o vento soprar forte quando ela ficou em pé ao seu lado. Quem era essa pessoa, pensava Dona Maria, que não sentia medo, somente frio, o ambiente era gélido como no inverno.

Dona Maria sabia que não era à toa que estava lembrando de sua vida, dos bons momentos vividos, sua hora chegou.

Então, ouviu: “Vem, Maria!”.

Dona Maria foi, de mãos dadas com aquela pessoa, ao mesmo tempo desconhecida e amigável, caminhou até que o sol nasceu.

Seu Demerval levantou-se da cama eram quase 6h da manhã, acordou tarde, pois a ordenha das vacas é sempre mais cedo. Chegou à cozinha e não encontrou Dona Maria, que a uma hora dessas já deveria estar com a mesa posta para o café da manhã. Fez um cuscuz, fritou meia dúzia de ovos e foi até o quarto da irmã.

Bateu na porta e entrou. Olhou para Dona Maria deitada e lhe disse: “Vem, Maria!”.

Autores

Adilma Vilela

Natural de Palmeira dos Índios no estado de Alagoas, tem formação nas áreas de pedagogia e direito. Escritora, cidadã barreirense, membro da Academia Barreirense de Letras e mãe de Camilla e Lênnin Rafael. Autora de Crônicas de Mima, sua obra inaugural, participa ativamente de outras publicações no cenário literário.

Ananda Lima

Professora da educação básica em Barreiras, Bahia e evangelizadora infantil. Membro da Academia Barreirense de Letras. Tem dois livros de literatura infantil publicados: *“Fred, uma aventura na floresta”* e *“Julia e Letícia, vivendo com as diferenças”*. É autora do livro de mensagens *“Bálsamos para a existência”* e do livro de memórias, *“2020 Partindo para alto mar: um câncer e uma pandemia na rota”*. É autora dos textos das cartilhas ambiental da SANEAGO em Anápolis e Goiânia-GO, sob os títulos *“Às margens do Piancó”* e *“Uma aventura ambiental”*. Participou como autora e organizadora do livro *“Fraternidade em Movimento – 365 dias”*.

Ana Cinthia Passos Moreira

Natural de Barreiras, é mãe da Ana Luísa e também bióloga e pedagoga. Especialista em educação ambiental e mestranda em educação. Há mais de 24 anos trabalha com educação na rede particular e municipal de ensino de Barreiras, Bahia.

Antônia Maria Prado de Araújo

Professora emérita da Secretaria Estadual de Educação do Estado da Bahia. Participa de coletâneas: *"Parem as Máquinas, Um Ecoar de Almas"*, *"Bardos Baianos, 50 Tons de Rosa"* (no prelo); autora do livro: *"À Tona: Páginas de Areia"*. Participa de projetos escolares, com poesias; faz revisão de artigos científicos e de livros de um modo geral. Confreira da Academia Barreirense Letras, e, indicada para representar a cadeira da Literatura no Conselho da Cultura e Turismo de Barreiras, Bahia.

Brigida Freitas

Terapeuta e biblioterapeuta, atua no cuidado afetivo do ser. Escritora, Poetisa. Graduada em pedagogia e sociologia. Especialista em avaliação, gestão escolar e informática educativa. Aborda em seus trabalhos as mandalas terapêuticas, as contribuições da literatura infanto-juvenil no tratamento das emoções; escrita expressiva, criativa, autêntica e poética e contação de histórias.

Carolina Reichert do Nascimento

Bacharel e mestra em Artes Visuais pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e doutora em Artes Visuais pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). É docente na área de Artes na Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB) onde pesquisa temas que se relacionem com a arte e a cultura em Barreiras (BA), bem como as manifestações artístico-culturais na região do Oeste baiano. Atualmente se debruça em temas relacionados à arte afro-indígena e à ancestralidade brasileira.

Celso Almeida de Lacerda

Natural de Santo Amaro da Purificação no estado da Bahia. Mestre em educação e bacharel em ciências contábeis. Professor da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e coordenador no Centro Universitário

Aroldo Horácio Ferreira (UNIFAAHF). Membro da Academia Barreirense de Letras, cadeira nº 19. Autor dos Livros “Educação, obrigado pelo meu falar” e “Reflexões cotidianas, sentimentos da alma” (em elaboração).

Débora Santarém da Silva dos Santos

Graduada em ciências biológicas e mestre em ciências ambientais pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e doutora em zoologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Especialista em saúde pública e gestão ambiental. Foi professora do Instituto Federal da Bahia (IFBA) em Biologia. Foi membro do Conselho Municipal de Meio Ambiente (COMDEMA), representando a Secretaria Municipal de Educação de Barreiras. Lecionou na Faculdade Dom Pedro e atualmente é professora de ensino médio e do ensino fundamental nas redes estadual e municipal de ensino e, Barreiras, Bahia.

Edlêia Gonçalves

Graduada em pedagogia e especialista em psicopedagogia da educação infantil. Escritora, poeta e autora das obras: “A Mensagem da Cruz”, “Vencendo Gigantes”, “Um Coração de Adorador”, “Recomeçar” e “Um Ovinho Diferente no Ninho” (em elaboração). Participou das antologias poéticas “Vivaldi: Intensamente Outono, Internamente Inverno”, “A Primavera e o Desabrochar da Poesia”, “A Poesia Delas” e “Horto Poético”.

Éllen Almeida Sodrê Zanin

Barreirense, mãe de Arthur e Ana Carolina, casada, pedagoga com formação em administração e coordenação de projetos pedagógicos, especialista em educação ambiental e radialista. Mescla atuação há mais de 23 anos em sala de aula com coordenação, aulas de reforço, produção de jornalismo (TV) e redação em jornais impressos. Organizadora e uma das autoras do livro “Fraternidade em Movimento –

365 dias", escreveu as contracapas dos livros "*O Vale dos Dinossauros*", de Arthur Ledoux, e "*Minha Cara Mãe Calina*", de Durval Nunes.

Eudira da Silva Pinto Almeida

Graduada em pedagogia com habilitação em administração e coordenação de projetos pedagógicos pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Mestre em educação pela Universidade Católica de Brasília (PUC-Br), especialista em planejamento e gestão escolar (UNEB). Graduanda em psicologia pelo UNINASSAU. É contadora de história. Possui 29 anos de experiência na educação, desenvolvendo as funções de professora da educação Infantil ao ensino médio, atuando também como vice-diretora e coordenadora pedagógica. Atua também na área de formação de professores. É palestrante. Participou como coautora do livro "*Fraternidade em Movimento – 365 dias*".

Eva da Silva Pais

Licenciada em letras e pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), especialista em educação profissional integrada à modalidade educação de jovens e adultos pelo Instituto Federal da Bahia (IFBA), especialista em psicopedagogia (UNYAHNA) e em gestão educacional pela Faculdade São Salvador. Atua como docente do ensino fundamental na rede municipal de ensino de Barreiras há 25 anos.

Evandro Guimarães de Sousa

Médico, mestre em clínica médica pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e doutor em medicina pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), ex-professor e ex-coordenador dos cursos de medicina da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e do Centro Universitário

São Francisco de Barreiras (FASB). Membro da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores de São Paulo (SOBRAMES).

Francisco Lisboa Serpa (F. Serpa)

Advogado formado pela Faculdade Nacional de Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), administrador público e professor formado em letras com ênfase em português e literatura. Atuou como promotor público nas cidades Santa Rita de Cássia e Formosa do Rio Preto e diretor geral da corregedoria geral do tribunal de justiça do Rio de Janeiro (aposentado). Escritor com 2 livros no prelo, um infantil e outro adulto.

Franco Porto dos Santos

Bacharel e licenciado em biologia, com especializações em PROEJA e em gestão sustentável de recursos naturais. Cursou mestrado em ciências do ambiente e doutorado em ecologia. Atua como consultor ambiental e gestor de projetos de sustentabilidade. Passou a criar poemas, músicas e contos infantis como forma de suavizar a vida. É membro da Academia Barreirense de Letras (ABL).

Gelson Fernandes Vieira

Graduado em pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), com especialização em projetos culturais pela PUC de Minas Gerais. Atua como representante territorial da bacia do Rio Grande na secretaria de cultura do estado da Bahia (SECULT). Atuou como coordenador pedagógico do Centro Social e Educacional Catavento, assessorou o ponto de cultura “Flor do Trovão” no projeto “Dignivida Promoção da Vida e coordenou a pastoral da cultura da Diocese de Barreiras, Bahia.

Maria Augusta da Silva Serpa

Pedagoga com habilitação em educação infantil e magistério do ensino fundamental nas séries iniciais pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Especialista em educação profissional integrada na modalidade de educação de jovens e adultos, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Bahia. Licenciada em artes visuais na UNEB. Especialista em educação infantil e letramento: jogos e brincadeiras; tecnologia educacional: ênfase em comunicação e educação e multimídia; Arte e educação com ênfase em musicoterapia, pela Faculdade Vale do Grotuba. Mestranda do programa de pós-graduação em ensino – PPGE, pela Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB). Professora da educação infantil e de arte da rede municipal de ensino de Barreiras, Bahia. É autora do livro infantil “Minha Fazenda”, também possui capítulos publicados no livro “Fraternidade em Movimento- 365” dias e em outros livros.

Maria do Carmo Mendes Barreto

Professora e alfabetizadora da rede municipal da Barreiras, Bahia. Possui graduação em Pedagogia e especialização em Atendimento Educacional Especializado (AEE). É apaixonada pela literatura infantil.

Marilde Queiroz Guedes

Graduada em letras e pedagogia, especialista em metodologia do ensino superior. Mestre em educação brasileira e doutora em educação e currículo pela PUC de São Paulo. Realizou estágio de pós-doutorado em educação pela Universidade de Lisboa em Portugal. Docente plena da UNEB. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais da UFOB. Pesquisadora do CNPq, Líder do Grupo de Pesquisa Formação de Professor e Currículo (FORPEC). Membro da Academia Barreirense de Letras – ABL.

Marinélia da Silva Rocha Serpa

Graduada em letras pela UESPI e especialista em docência do ensino superior, metodologias ativas para o ensino médio, preparação para o ENEM e gestão e organização da escola com ênfase em direção escolar. Ex-diretora do Colégio Estadual Nossa Senhora Aparecida. Atualmente é professora e diretora de ensino na Secretaria Municipal da Educação e, também articuladora do Selo Unicef no município de Formosa do Rio Preto.

Miriam Hermes

Jornalista e escritora, nasceu em Sobradinho (RS), cresceu em Medianeira (PR) e mora desde 1984 em Barreiras (BA). Com passagem por diversos veículos de comunicação da cidade, desde 1997 é repórter do jornal A Tarde. Em 2009 lançou com Eduardo Lena o livro-reportagem biográfico “O Homem Geraldo Rocha”. No mesmo ano se tornou membro da Academia Barreirense de Letras (ABL).

Raimundo Augusto Corado

Oficial de justiça avaliador e aposentado pelo TJBA da comarca de Barreiras. Natural da cidade de Santa Rita de Cássia (BA), filho de Celso de Sene Corado e Judite Alves Corado, ambos falecidos. Vindo de escolas públicas, graduou-se em direito pela Unyahna, campus Barreiras. É sonetista e cordelista, autor de várias obras. Membro fundador da Academia Santa-ritense de Letras e membro da Academia Barreirense de Letras.

Robson José Batista

Terapeuta Holístico, membro da ABL. Natural da cidade do Gama em Brasília (DF). Aos 12 anos veio para Barreiras, Bahia. Músico, escritor, compositor com 14 obras publicadas e 27 músicas gravadas.

Stephany Cecília Rocha Damasceno

Mulher negra, assistente social e mestra em política social pela Universidade de Brasília (UnB). Tem 24 anos. Atua com saúde mental de crianças e adolescentes em CAPS infantojuvenil e em unidades de medida socioeducativa. Ama música, comida e histórias de seus ancestrais.

Tânia Valéria Xavier Porto Alcântara

Graduada em ciências biológicas pela Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB) e cursando a graduação em letras com inglês pela Uninassau. Atualmente é professora da rede municipal de ensino de Barreiras, Bahia. Escreve poemas e cordéis.

Théo de Araújo Santos

Pai, cientista, escritor, cantautor e professor universitário. No campo literário escreve em diferentes estilos, sendo os principais a literatura infantil e a poesia. Como destaques de sua produção, temos o conto “O Casamento do Nego D’Água com a Noiva da Mata” premiado no 2º Concurso literário Osório Alves de Castro (UFOB) e a interpretação da música “Ponta Grossa” finalista do 20º festival de música da Rádio Educadora FM Bahia. Em 2022, o escritor se tornou membro da Academia Barreirense de Letras (ABL), ocupando a cadeira de número 02.

Thiago Ribeiro Rafagnin

Membro da Academia Barreirense de Letras. Doutor em política social e direitos humanos pela UCPel. Pós-doutorado em direito pelo PPDG/UFPel. Professor universitário na Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB).

Tina Laura

Baiana, professora, pós-graduada em coordenação pedagógica e gestão escolar. Escritora da Academia Barreirense de Letras, membro fundadora da Academia Santarritense de Letras (ASL), mãe de três filhos, vó de dois netos. Sempre gostou de poetizar, criar e escrever histórias infantis com temas que ajudam crianças a compreender a convivência com os outros.

Valdélia Bomfim Ramaccotte Miranda

Mulher, mãe, esposa, educadora há mais de 20 anos e filha de Edvaldo de Castro Bomfim e Hélia dos Santos Bomfim, ambos comerciantes a mais de 60 anos na cidade de Formosa do Rio Preto, Bahia. Graduada em pedagogia pela UFBA, Bolsista CNPq, com a publicação do *“Guia de fontes literárias para o estudo da história da educação na Bahia”*. Psicopedagoga e especialista em planejamento e gestão educacional. Foi coordenadora da FTC e professora pela UESPI, nos polos de Formosa do Rio Preto e Riachão da Neves, Bahia. Atua em muitos conselhos municipais, CMDCA, da saúde, CRAS, da educação, Fundef, Fundeb. Vencedora em concursos literários e de poesias, teve seus poemas publicados nos livros: *“Poetize 2021”* e *“Bardos Baianos, Bacia do Rio Grande”*. Participou da bienal do livro em Salvador, Bahia lançando o livro *“Rima cor, rima flor”*. Atua como orientadora educacional pelo município de Formosa do Rio Preto e como psicopedagoga pela APAE.

Valney Dias Rigonato

Professor do curso de geografia e do curso de pós-graduação em Ensino da Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB). É autor de livros didáticos, paradidáticos e de textos poéticos. Também escreve texto e livros científicos na área da Geografia Escolar e sobre o modo de vida

das populações tradicionais do Cerrado. É confrade e presidente da Academia Barreirense de Letras.

Victor José Silva de Sena

Pai, advogado e microempresário, natural do município de Barreiras, Bahia. Atua em projetos culturais desde a adolescência como produtor cultura, com participação na realização de documentários e disputas em editais de fomento à cultura.

Outras Obras

ABL Selo Editorial



O livro *Fraternidade em Movimento – 365 dias*, é a concretização do projeto literário que se propôs a escrever uma mensagem para cada dia do ano. O livro reúne mensagens de 20 escritoras, entre estreantes e literatas experientes. O PDF do livre está disponível por meio do QRcode.



Mistérios dos Cerrados - Vinte e nove contos escritos sobre os traços culturais dos Cerrados. Lendas e histórias que contam sobre a cultura de um país central. O livro pode ser adquirido para compra em seu formato físico ou digital por meio do QRcode:



